

COMPROMISSO DE HONRA

baixarlivrosgratis.org

Frank
McFair



**FLAMA DO
OESTE**

COMPROMISSO DE HONRA

Frank McFair



COMPROMISSO DE HONRA

FRANK McFAIR

'Estamos acostumados com mocinhos politicamente corretos, honestos, cavalheiros...

Mas Common é atípico como mocinho! Mesmo assim, é de uma integridade ímpar!

Já Burley é o típico mocinho dos velhos faroestes. Ex-coronel confederado, passou 5 anos procurando pela mulher à qual prometeu casamento. Ao chegar à cidade, os acontecimentos começam a se desenrolar de forma inesperada. Acompanhe mais esta aventura com dois mocinhos prontos pra qualquer coisa!'

Disponibilização: Luiz
Digitalização: Marina. C
Revisão: Lelê
Formatação: Marina. C

CAPÍTULO 1

Os mineiros são pessoas muito diferentes. Passam tanto tempo sozinhos nas montanhas buscando ouro que, quando encontram um pouco, gastam-no em diversão. Common French os conhecia bem. Ele já fora mineiro em certa época da vida.

Por isto, quando viu aquele grupo entrar no saloon, pegou o copo e sentou-se em uma mesa afastada. Não estava com vontade de brigar, e onde os mineiros bebiam tinha barulho, mais cedo ou mais tarde.

Eram uns cinco ou seis e já estavam começando a ficar bêbados. Altos, fortes e com dinheiro, pegaram as melhores moças. A cerveja, misturada com uísque, corria como rio.

Common French olhava-os fixamente, enquanto bebia alguns goles. Nesse momento viu um homem entrar no saloon.

Era alto, magro e moreno. A roupa estava empoeirada, mas parecia de boa qualidade.

Aproximou-se do balcão, junto aos mineiros e pediu:

— Uísque, por favor.

Um dos mineiros esbarrou nele. O homem virou-se e, cortesmente, desculpou-se, como se a culpa fosse dele próprio. Common franziu a testa. Aquela não era a melhor maneira de tratar um mineiro bêbado. Uma maldição teria sido mais bem compreendida.

— O que disse? - perguntou o mineiro, em tom de briga.

— Pedi-lhe que me desculpasse.

— Você derramou meu uísque.

— Em primeiro lugar - disse o homem com a mesma cortesia - foi você quem esbarrou em mim. Em segundo, se quiser, pagarei outro uísque.

— Você quer dizer que fui eu quem derramou o uísque?

— Isso mesmo.

— Pois eu digo que você é um mentiroso.

«E' dessa maneira que começam as brigas», pensou Common.

O homem olhou o mineiro, com despeito.

— Você está bêbado. Todo mundo pode ver...

— Chamou-me de bêbado?

— Chamei.

— Não permito que vagabundo nenhum me insulte.

Common, de onde estava, viu os olhos do homem alto. Eram frios e tinham um brilho perigoso.

— Repita.

— Eu disse que vagabundo nenhum. . .

O homem alto deu-lhe um soco. Um golpe perfeito, pensou Common. Daqueles golpes que fazem um homem dormir um bom tempo.

Common bebeu o último gole, pensando talvez em sair dali. Ele, que jamais fugira de uma briga, não tinha vontade de ver o que iria acontecer. Mas o olhar do homem alto fê-lo continuar no lugar.

— Derrubou Truss! - comentou um dos mineiros. - Rapazes, ele derrubou Truss!

Os quatro mineiros restantes avançaram contra o homem, certos de que ele não poderia sequer defender-se.

O forasteiro esquivou-se, por uns instantes, de alguns golpes. Jogou um deles sobre o balcão com o rosto crispado pela dor.

Os demais clientes não se meteram na briga. Abriam uma roda e já faziam apostas.

Nesse instante, Common French, sem saber por que, saiu da mesa e agarrou um dos mineiros, jogando-o ao chão com facilidade. Fez o mesmo com outro.

French tomou o partido do homem alto.

A briga parou por um instante, enquanto os mineiros notavam que outro sujeito tinha entrado no combate.

— Obrigado - agradeceu o forasteiro. - Eram muitos.

French não respondeu. Contemplava os adversários que reuniam as forças.

— Quem se meteu nisso? - perguntou um deles, limpando o sangue que escorria do canto da boca.

— Não gosto de ver um homem sozinho ser atacado por cinco.

— Pois bem. . . Vamos acabar com isso, rapazes .

— Quando quiserem - respondeu French.

— Meu nome é Burley. Jonathan Burley - identificou-se o sujeito alto.

— O meu é Common French.

Os mineiros avançaram contra eles. O primeiro levava uma garrafa na mão, ou melhor, o gargalo, pois já a tinha quebrado no balcão.

— Um momento - gritou French. - Se você usar isso, eu vou sacar o revólver.

French levou a mão à cartucheira, disposto a entrar em ação.

Os mineiros pararam para pensar. O efeito da bebida começava a passar. Não era a mesma coisa que enfrentar um homem sozinho. E Common parecia perigoso.

— Estou esperando. O que resolvem? - perguntou French.

— Rapazes - disse uma das moças - por que não esquecem isso? Estávamos nos divertindo.. .

Era uma saída honrosa para os mineiros. Uma briga é sempre boa enquanto não entram armas de fogo.

— Assunto terminado? - propôs French. Todos assentiram.

Common virou-se de costas e se apoiou no balcão.

— Uma rodada por minha conta, garçom.

— Eu convido _ aderiu Burley. - E obrigado, French.

— De nada. Não gosto de ver briga desigual.

Burley não respondeu. Visto de lado, mostrava ter uns trinta e cinco anos, olhos azuis e cabelos escuros.

Quando estendeu a mão, cumprimentando French, juntou, ao mesmo tempo, os calcanhares, no estilo militar.

— Militar?

— Sim - respondeu Burley, com a voz ligeiramente trêmula.

— E do Sul. Bem, isso é problema seu.

— Tem alguma coisa contra os sulistas, French?

— Em absoluto, ainda que eu tenha lutado no Exército do Norte. Mas já faz dez anos.

— Exatamente. ã sua saúde. - Os dois beberam um gole.

A habitual animação recomeçava. As moças moviam-se de um lado para o outro.

— Você é daqui, French?

— Não, estou só de passagem.

— Desculpe-me, mas não estou perguntando por simples curiosidade. Estou procurando uma pessoa.

French puxou o dinheiro para pagar. Não tinha mais que dois dólares.

— Deixe que eu pago - prontificou-se Burley.

— Tenho de procurar trabalho - balbuciou French.

— Você é vaqueiro?

— Acho que a única coisa que ainda não fiz foi me sentar à mesa de um Conselho de Administração.

— Se quiser, posso emprestar-lhe. . .

— Guarde seu dinheiro.

— Posso ajudá-lo de alguma forma?

— Você pode dar-me trabalho?

— Infelizmente, não. Estou à procura de certa pessoa. E isso ocupa todo o meu tempo.

— Essa pessoa está aqui?

— Não sei. Estou procurando há vários anos.

Nos olhos dele pairou uma expressão de solidão, que French compreendeu.

— Homem ou mulher?

— Mulher, French.

— Se você não quer falar.. .

— Não é isso. E' que. . .

— Deixe para lá. Vamos beber outra rodada. Esta você paga.

Burley dirigiu-se ao garçom.

— Ponha outros dois. Onde está alojado, French?

— No hotel, mas não por muito tempo. Não terei mais dinheiro se não arranjar trabalho.

— Ficarei lá, também.

Sáiram do saloon e encaminharam-se para o hotel. Já era noite, e o vento frio zunia na rua.

Entraram no hotel e Burley pediu um quarto, perguntando ao porteiro:

— Estou procurando uma pessoa. Uma... Uma mulher.

— Qual é o nome dela?

— Marvin. Abigael Marvin.

— Desculpe-me, mas não a conheço.

— Obrigado.

— Não está neste hotel. Talvez no América.

— Obrigado. Vou perguntar.

— Estou-me metendo no que não é da minha conta, Burley, mas você sabe se ela está na cidade?

— Nem isso eu sei - respondeu Burley. - Procuro-a, embora não tenha nenhuma pista.

— Não tem nenhuma pista?

— Desapareceu de Tucson há dois anos. Desde então... Bem, estou incomodando-o com estas coisas.

— De maneira nenhuma. - Recolheram-se aos respectivos quartos, apertando as mãos, no corredor.

— Tenho um pouco de uísque no meu quarto - ofereceu French. - Quer tomar mais um gole?

— Não, obrigado. Estou cansado e quero dormir. Espero vê-lo amanhã, French.

— Nós nos veremos.

Na manhã seguinte, French dirigiu-se ao Hotel América. Lá se hospedavam os rancheiros que contratavam vaqueiros para as fazendas. As moças, que acabavam de acordar, passeavam pelas dependências.

— Procurando trabalho? - perguntou o dono do estabelecimento, contando a fêria da noite anterior.

- Miss Mollet anda procurando vaqueiros. Procure-a. Soube que você armou uma briga ontem, no saloon.

— Uma simples troca de socos com alguns mineiros bêbedos.

— Havia outro homem, não? Um forasteiro.

— Um sulista. Um militar sulista - respondeu French, acendendo um cigarro.

Uma das moças descia a escada, lentamente. French já a vira algumas vezes. Era

loura e de esplêndidas formas. Encostou-se em French e este virou-se, olhando-a.

— Está perdendo seu tempo, menina. Não tenho dinheiro. Estou procurando trabalho.

— Não se trata de dinheiro. Você disse que um militar sulista está aqui?

A moça falava visivelmente nervosa.

— Sim, está.

— Suba para o seu quarto - ordenou o dono. - Você sabe que Wenner não gosta que fique aqui de manhã.

— Um momento – disse ela. - Pode dizer-me como é esse homem?

French respondeu-lhe:

— Alto, moreno, de olhos azuis.

— Que idade ele tem?

— Uns trinta e cinco anos.

A moça virou-se de costas.

— Já a mandei subir. Se Wenner a vir aqui... - insistiu o dono do hotel.

— Tenho de falar com ele - respondeu ela, agitada. - E' necessário.

— Você pode falar à tarde, Rosie.

— Não, agora. Tenho de vê-lo.

A moça já estava na escada.

French viu-a desaparecer em um dos quartos do andar superior e virou-se para o dono do hotel.

— O que está acontecendo com ela?

— Não sei. Wenner prometeu que se ela não mudar haverá consequências ruins.

— Que espécie de consequências ruins?

— Você não conhece Wenner, vaqueiro?

— Não.

— Bem, ele controla as meninas com mão de aço e não gosta das tolas.

— Mas você é o dono da casa.

— Mas Wenner é meu empresário. Enche minha casa de gente. Que mais posso pedir? O que Wenner faz com elas não me interessa.

— Onde posso ver Miss Mollet?

— No rancho dela, mas tem um escritório na cidade, de venda de gado. Talvez ela esteja lá.

— Vou procurá-la.

O escritório era uma simples sala, onde trabalhavam dois homens magros e uma moça. Esta, com calças compridas e blusa de seda, ocupava uma das mesas.

— Temos de acomodar quatrocentas cabeças— dizia ela. - Somente as que dão chifres e couro. As de corte chegarão dentro de dois meses. Escrevam uma carta ao Senhor Willys e Willys, de Chicago, e avise-os de que estas quatrocentas cabeças estarão prontas dentro de quinze dias. . . O que deseja, vaqueiro?

— Trabalho - respondeu French, acendendo um cigarro.

Ela fez um gesto com as mãos.

— Deixe-me ver seus braços.

French sorriu e flexionou um dos enormes braços. A moça, com uma das mãos, tocou-lhe os músculos, duros como pedra.

— O que sabe fazer?

— Faço qualquer coisa, desde laçar um vitelo até comê-lo.

— Trinta dólares. Apresente-se no rancho. Suponho que saiba onde é.

— Vou procurar. Mas quero trinta e cinco por mês.

— Trinta. E nada mais. Há vaqueiros sobrando na cidade.

French atirou a ponta do cigarro no chão, pisando-a. Ela observou o gesto.

— Não me agrada a sociedade - disse ele, calmamente.

— Nem eu gosto de sua atitude.

Os dois empregados levantaram-se.

— Fale com educação - ralhou um deles.

French olhou-o, energicamente.

— Quietos, garoto.

— Vá andando - ordenou a moça. - Aqui só se faz o que eu quero.

— Posso ganhar os trinta e cinco.

— Eu disse que não daria um dólar a mais. Em meu rancho eu pago como quero.

French respirou profundamente.

— Pois então procure outro escravo. Eu ainda não sou.

Dirigiu-se à porta. Ela chamou-o, com um gesto autoritário.

— Se você não aceitar, posso impedir que qualquer outro rancho da região o contrate.

French se virou para ela e lançou-lhe um olhar frio.

— Isso é chantagem.

— É a minha maneira de tratar de negócios. Tenho um rancho e preciso explorá-lo. Trinta dólares.

— Tem muitos vaqueiros?

— Mais de cinquenta.

— E todos se comportam como escravos?

- Ela bateu na mesa.

— Trinta dólares. E' minha última palavra e não quero mais conversa.

A porta do escritório se abriu, e um homem alto entrou.

— Olá, French. Estava procurando-o. Bom dia, senhorita.

— Olá, Burley. Se você está procurando trabalho, eu o aconselho a bater em outra porta. Temos aqui uma sinhá de escravos.

— Tome cuidado com o que diz, vaqueiro. Não gosto de insultos.

French encolheu os ombros.

— Vamos, Burley. Aqui não há nada a fazer.

Burley cumprimentou a jovem à maneira militar.

— Queria dizer-lhe que já tem trabalho, French - informou Burley.

— Onde?

— Comigo.

— Que tipo de trabalho?

— Digamos de... Companheiro de viagem.

— Bem, vou pensar. Vamos tomar um gole. E quanto a você - dirigiu-se à moça - não trabalharia em seu rancho nem que estivesse morrendo de fome.

— Isso não é maneira de falar com uma senhora - repreendeu Burley.

— Qual senhora?

— Se você não se desculpar imediatamente, serei obrigado a lhe pedir explicações, pessoalmente.

Falava sério. French deu de ombros.

— Não quero brigar com você, Burley. Miss Mollet, desculpe-me.

A moça não o escutou. O rosto dela, queimado de sol, estava ligeiramente enrubescido. Não tirava os olhos de Burley.

Este se inclinou num cumprimento.

— Meu nome é Burley, senhora. Desculpe os modos do meu amigo.

French conteve-se para não rir e saiu à rua. Momentos depois Burley apareceu.

— Você se comportou de uma maneira pouco cavalheiresca - censurou Burley.

— Essa mulher estava regateando cinco dólares.

— Não importa. E' uma senhora.

French não respondeu, parando no meio da rua.

— Burley, você está falando sério?

— Sobre o emprego? Sim, French. Há anos que viajo pelo Oeste à procura dessa mulher. Não quero continuar sozinho. E se você não tem um trabalho fixo, por que não continuarmos juntos?

— Responda-me a uma pergunta, Burley, faria essa proposta a qualquer sujeito?

— Não, French. Só a você.

French pensou durante alguns segundos.

— Essa mulher representa muito em sua vida, Burley?

— Muito.

French vacilou.

— Vamos embora, Burley. Aceito sua proposta, e não se preocupe, eu vou trabalhar. Não serei um peso-morto.

— Tenho dinheiro suficiente, French. Vendi minha fazenda e dinheiro não me preocupa.

— Bem, podemos começar logo que quiser.

— Antes vou até o Hotel América. - French pôs a mão no braço do outro.

— E' melhor a gente ir embora logo, Burley.

— Por quê?

— Por que... Bem, nós não vamos encontrá-la no hotel.

Os olhos de Burley estavam fixos nele.

— De qualquer maneira, quero ir lá.

— Eu, em seu lugar, não iria.

— Por quê

— Bem, não iria.

Burley começou a caminhar e voltou-se, depois de alguns passos.

— French, você vem comigo?

— Bem... vamos, então.

Os dois dirigiram-se ao Hotel América.

CAPÍTULO 2

A porta do Hotel América se abriu e eles entraram.

O proprietário os olhou, com interesse.

— Querem beber alguma coisa?

-- Sim - respondeu Burley. - E quero perguntar-lhe uma coisa. Procuro uma mulher.

— Aqui você vai encontrar todas que quiser, rapaz.

— Em primeiro lugar não me chamo rapaz. Meu nome é Burley, Jonathan Burley. Em segundo, isto aqui não é um hotel?

— Bem - disse o dono, ofendido. - Não importa saber o que é isto aqui. Pago meus impostos e...

— Vamos embora, Burley - chamou French.

— Um momento. Pensei que fosse um hotel, mas acho que me enganei.

Os olhos dele fixaram-se no andar superior. French imitou-lhe o gesto. Rosie, que estava debruçada na varanda, ocultou-se na sombra.

Burley empalideceu. French o observava com atenção.

— Abigael...

— Bem que eu o avisei - lembrou French.
- Sinto muito.

— Abigael! Desça!

Não se via mais a moça.

Burley dirigiu-se à escada e subiu, correndo.

— O que está acontecendo? Ele está louco? -perguntou o dono.

— Não, ele só... Você não entenderia.

Ouviram o som de duas vozes no andar de cima.

— Vamos, sirva-me um uísque _ ordenou French. - Duplo. Acho que vou precisar.

Burley estava descendo as escadas, puxando a moça pela mão.

— Escute, Jonathan... Pelo amor de Deus!

— French, apresento-lhe Miss Marvin. Miss Abigael Marvin, a mulher que eu procurei por quase cinco anos.

French conhecia bastante a vida. Sabia que o mais ligeiro gesto, uma palavra equivocada, e aquele homem dispararia a pistola.

— Muito prazer, Miss Marvin.

O dono do bar começou a rir.

— Miss Marvin? Essa é Rosie. E se Wenner a vir...

Burley virou-se para ele, dando-lhe uma bofetada no rosto.

Abigael virou a face, como se fosse ela que tivesse recebido o tapa.

— Porco imundo - desafiou Burley. - Saque a arma.

O dono do bar estava pálido, furioso.

— Eu pago meus impostos!

— Saque a arma, se não quiser que eu o mate como a um cachorro.

— Jonathan! - exclamou a moça, com a voz apagada.

— Hein?

O dono saiu detrás do balcão com as mãos vazias.

— Vou avisar o xerife.

— Quietos!

Burley olhou todos, depois encarou a moça.

— Abigail, diga-me que não é verdade.

— Que não é verdade o quê?

— Diga-me que tudo não passa de uma confusão, que você. . .

— Jonathan, você não voltou... Minha casa estava destruída, meus pais mortos...

— Estou procurando-a faz cinco anos. Queria encontrá-la e cumprir minha promessa.

O dono da casa ia dizer alguma coisa, mas French tapou-lhe a boca com a mão. — Se não quiser morrer - ameaçou em voz baixa - não pronuncie uma só palavra.

— Ele está louco.

— Não, ele está sofrendo. Cale-se. Nem mais uma palavra.

Burley olhava a jovem com os olhos muito abertos.

— Abigael, por favor, diga-me, o que você faz aqui?

Ela, chorando, baixou os olhos. Burley afastou-se da moça e apoiou-se no balcão.

Durante quase cinco minutos fez-se silêncio. A jovem pôs a mão no braço do rapaz. Ele levantou os olhos e French pôde ver as lágrimas brilhando.

E' duro ver um homem chorar. Muito duro.

— Eu sinto muito, Jonathan. Sinto muito.

— Eu não a reprovo, Abigael. As circunstancias nos transformaram em lobos. E' muito difícil esperar que as mulheres se livrem deles.

Uma sombra apareceu na porta. Em cima, várias cabeças femininas observavam a cena.

French viu um homem alto, bem vestido, em pé na porta. Não parecia portar arma.

— Bom dia. Rosie, quero falar com você. - Burley olhou-o. O rosto ficou profundamente pálido.

— Quem é você?

— Meu nome é Wenner. Rosie...

— Esta senhorita chama-se Abigael Marvin. Você já me disse seu nome. Posso saber que laços o unem a Miss Marvin?

— Laços? - o homem ficou assombrado. Correu os olhos da moça para o dono da casa.

— Bem, que diabo está acontecendo aqui?

— Esse sujeito chegou aqui dizendo que... Burley virou-se e, sem olhá-lo, deu-lhe uma bofetada. O golpe foi tão forte que o derrubou no chão.

French, com gestos lentos, aproximou a mão da pistola.

— Responda-me, Abigael, quem é esse homem?

Wenner deu um passo à frente.

— Essas moças estão sob minha proteção. Eu me encarrego de fazê-las distrair o público.

Burley não o escutava.

— Abigael, quer ir embora comigo? Você está aqui por sua própria vontade?

Abigael não respondeu. Deu meia volta e, soluçando, subiu a escada.

Burley não fez nenhum gesto de segui-la.
Virou-se para Wenner.

— Então, responda-me você.

— Bem, todas elas sabem perfeitamente que, se me abandonarem, não trabalharão em nenhum outro lugar.

Burley escutava-o, atentamente, mas French podia jurar que não estava ouvindo uma só palavra.

— French, por favor, quer dizer a Abigael que arrume a bagagem e saia deste antro?

— Está bem.

French subiu as escadas. A jovem chorava, estendida na cama. Duas outras moças a olhavam, compadecidas.

— Vão embora daqui - ordenou French. Depois que elas saíram, acrescentou:

— Miss Marvin, Burley mandou-a arrumar a mala e irmos embora.

Ela virou-se, e os olhos estavam inchados de tanto chorar.

— Você é amigo dele?

— Sim.

— Diga-lhe que não posso ir.

— Por causa de Wenner?

Ela assentiu e acrescentou:

— Mas eu também não quero. Estávamos noivos. Ele foi para a guerra e eu prometi esperá-lo. Logo veio a destruição total. Minha família, minha casa... Eu tinha de continuar vivendo...

— Não precisa explicar. Agora...

— Você acha que posso voltar com ele, depois de todos estes anos de indignidade?

French colocou-a de pé.

— Eu não a acuso, moça, mas Burley está sofrendo. Eu temo que faça uma loucura. Você tem de abandonar este lupanar. Vá para onde quiser, mas saia deste inferno.

— Eu entendo.

— Venha comigo.

Burley olhava firmemente Wenner.

— Eu disse que Miss Marvin irá comigo. Não há nada mais para conversar.

— Eu não permito que nenhuma de minhas moças...

— Nenhuma de suas moças?

Burley deu dois passos na direção dele.

— Você tem alguma arma? Se tiver, saque-a.

Eu prometo não sacar a minha antes de você. Vamos!

Os olhos de Wenner se estreitaram.

Burley estava pálido.

— French!

— Hein, amigo?

— Dê-lhe sua arma. Ele não tem nenhuma.

— Com muito prazer. Mas se você achar melhor, Jonathan, eu mesmo...

— Dê-lhe sua arma!

French estendeu o revólver a Wenner, que recuara.

— Não quero.

— Pegue-a - ordenou French. - Do contrário, eu quebro todos os ossos da sua cara.

Wenner pegou o revólver e, sem fazer pontaria, atirou. Burley não teve tempo de sacar a arma. French deu um salto para desviar a pontaria, mas chegou tarde.

Foi Rosie quem chegou antes e entrou na frente de Burley, cobrindo-o com o corpo. Recebeu a bala destinada ao oficial sulista, levou a mão ao peito e caiu ao solo.

French lançou-se sobre Wenner. Empurrou-o até o canto e arrebentou-lhe a cara a socos.

Burley, agachado junto ao corpo de Abigael, murmurava uma oração.

French aproximou-se.

— Ela está morta, Jonathan. Morta.

Burley cerrou suavemente as pálpebras da jovem. Várias pessoas contemplavam a cena com lágrimas nos olhos. French virou-se e viu, em primeiro plano, Miss Mollet, com os olhos muito abertos.

— Todos para fora - gritou French. — Isto aqui não é circo.

Todos retrocederam, menos Miss Mollet.

— Posso ajudá-lo?

— Saia daqui.

Burley levantou-se, pegou o revólver e dirigiu-se a Wenner.

— Ponha-se de pé, miserável.

Wenner levantou-se e buscou, com os olhos, a pistola de French. Este a empurrou, com o pé, para perto dele.

— E agora, em igualdade de condições, prepare-se para morrer.

Wenner apanhou a arma e tentou apontá-la para Burley. Mas nem sequer terminou o movimento. A bala de Burley penetrou entre os olhos de Wenner, matando-o instantaneamente.

Fez-se silêncio. Da porta, Miss Mollet suspirou profundamente.

— Este não vai incomodar mais ninguém - concluiu French.

Burley olhou-o, como se estivesse vendo-o pela primeira vez e disse lentamente:

— Por favor, Common, quer ajudar-me a tratar do enterro?

— Eu vou cuidar do funeral - respondeu French secamente.

— A funerária fica dois quarteirões adiante - acrescentou Miss Mollet. - Conheço o dono. Venha comigo.

French caminhava ao lado dela pela calçada de tábuas.

— A moça era noiva dele? - perguntou Miss Mollet.

— Sim.

— Sinto muito. Parece um homem marcado pelo azar - Miss Mollet fez uma pausa e prosseguiu.

- Talvez eu aceite o que você me contrapropôs. Vocês dois não podem ficar?

French deteve-se.

— Deixe-o em paz.

— Com mil diabos, o que quer dizer?

—Ele está sofrendo.

— Eu sei. Você acha, por acaso, que sou alguma estúpida?

— Não, é negociante. Sabe defender seus interesses, porém não entende patavina da alma humana.

Chegaram à funerária. Em poucas palavras, ela tomou as providências necessárias. French olhou-a, surpreso. Ela escolhera um dos melhores caixões.

— Talvez Burley não tenha tanto dinheiro - aventurou French.

— Mas eu tenho.

— Ele pode não querer que você pague.

— Mande a conta para o rancho - ordenou ela ao dono da funerária.

— Ouça - observou French ríspidamente - não creio que Burley vá aceitar que você pague o enterro.

Miss Mollet virou-se. Os movimentos pareciam os de uma pantera jovem, ou de uma gata-do-mato, muito ágil e saudável. — Por favor, você não compreende. Eu também tive um noivo, que agora está morto. Sei o que sente aquele homem. Você pode pensar de mim o que quiser, mas deixe-me em paz.

Ela deu meia volta e se afastou.

O dono da funerária dirigiu-se a French.

— Você é forasteiro?

— Nota-se pelo andar?

— Desculpe-me. Quero dizer que não conhece a senhorita.

— Não. Eu a vi hoje pela primeira vez.

— Ela não tem sido muito feliz.

— Não me interessa. Tem um rancho e cinquenta vaqueiros. Não existem muitas pessoas infelizes que têm tanto, além de milhares de cabeças de gado. Ocupe-se do ataúde, que é melhor. Quando ficará pronto?

— Às quatro da tarde. Vou trazer o corpo para cá.

Nesse momento chegou Burley, carregando o corpo da jovem nos braços.

— Miss Mollet já providenciou o enterro - informou French.

— Miss Mollet - comentou Burley, deitando o corpo no esquife - fez tudo o que eu teria feito. Obrigado amigo.

— Vou tomar uma bebedeira. Não há coisa melhor a fazer, depois desta tragédia.

Fez um gesto de despedida, e Burley deteve-o:

— Pode ficar comigo, amigo?

- Claro que posso. Pensei que você preferisse ficar sozinho. Mas, se quiser, eu fico.

— Eu a queria muito, Common, muito.

— Eu sei, amigo.

Não falaram mais nada, limitando-se a contemplar o corpo da jovem.

O silêncio foi rompido pelo barulho das botas de um homem. Os dois se viraram. Era um sujeito alto, em cujo peito brilhava uma estrela.

-- Estou procurando o homem que matou Wenner.

— Sou eu - respondeu Burley.

— Você? Venha comigo.

— Não.

— Como não?

-- Eu disse não. Talvez depois. Agora, não.

— Mas eu disse agora, e quando digo agora. . .

— Xerife.

Foi French quem interrompeu o diálogo.

— Quem é você?

— Meu nome é French e este não é o momento adequado. Meu amigo não pensa em fugir.

— Certo, mas tenho de cumprir o meu dever.

French segurou o braço de Burley.

— Fique tranquilo, companheiro. Eu resolverei este assunto. Xerife, venha comigo.

— Um momento. Sou eu quem diz quando devemos ir.

Encostou a mão no peito de French e o empurrou para trás.

— Ouviu?

— Claro. Mas agora você é quem vai me ouvir. Depois haverá tempo para explicações. Depois do enterro, entendido?

French pegou o xerife pelo braço, com firmeza.

— Não consinto que...

— Mais tarde. Não está vendo que este homem está sofrendo? Gosta da vida, xerife?

— Não consinto que me fale nesse tom...

— Não me interessa o que consente ou não. Tudo será resolvido depois!

O xerife retirou-se o mais dignamente que pôde. O silêncio voltou a envolver a capela.

CAPÍTULO 3

Abigael Marvin foi enterrada naquela mesma tarde. Quando terminou a cerimônia, French fez o que anunciara: embebedou-se.

Comprou duas garrafas de uísque, meteu-se no quarto do hotel que ocupava e esvaziou ambas.

Despertou com o barulho de pancadas na porta. Levantou-se e abriu-a. Burley estava no corredor, com uma cadeira na mão.

— Já ia derrubar a porta, pensando que o tivessem matado.

French olhou-o, com atenção.

— Agora que sua missão acabou, suponho que vai voltar para sua terra, no Sul, não é mesmo?

— Não. Não há nada lá que me faça voltar.

— Mas o quê pensa fazer aqui? Suponho que você não pretende mais continuar sendo meu sócio.

— Por que não? Somos amigos, não? Pelo menos eu o considero meu amigo.

French tomou um banho, vestiu roupas limpas e desceu com Burley até o vestíbulo do hotel.

— Vamos comer alguma coisa, Burley?

— Obrigado, eu já comi.

French pediu a refeição. Quando terminou, saiu à rua, seguido de Burley.

Caminharam pela calçada até o escritório de Miss Mollet. French parou em frente à porta.

— Você vai entrar aí?

— Sim.

— Para quê?

Burley empurrou a porta. Miss Mollet, sentada a uma das mesas, levantou os olhos.

— Bom dia.

Burley respondeu ao cumprimento.

— Você disse que precisava de homens, Miss Mollet.

— Certo.

— A trinta dólares, trabalho de escravo - acrescentou French.

Miss Mollet cravou nele os olhos azuis.

— A trinta e cinco.

— Viva! Estamos progredindo. A que se deve tal mudança?

— Podem ir até meu rancho?

— Sim, podemos.

— Vamos.

Ela deu algumas ordens aos empregados e saíram. Os cavalos estavam na estrebaria, em número de cinco, todos bonitos.

— Escolham. Você, French, pode escolher este aqui. E' bastante veloz.

Montaram e partiram rumo ao rancho, situado a meia hora de trote. Uma bela casa em estilo colonial espanhol.

— Tudo o que estão vendo foi meu pai quem construiu - apontou ela. - Minhas terras estendem-se a milhas e milhas ao sul. Posso milhares de cabeças de gado e mantenho quase cinquenta vaqueiros.

— Ela já tem tudo - disse Common. - Vamos embora, para onde precisam de nós.

— Por favor, Common - ponderou Burley. - Senhorita...

Ela olhou-o, ligeiramente indecisa.

— Hein, Senhor Burley?

French notou a diferença de tratamento. Ele era «rapaz». Burley era «senhor».

— Senhorita Mollet, vou ser sincero. Nunca lidei com uma rês em minha vida. Sei muito a respeito de cavalos. Mas gado, nem uma palavra.

— Vamos entrar. Ofereço-lhes um drinque.

Um rapaz chinês recebeu-os à porta, pegando-lhes os chapéus.

— Traga uísque, Loy.

O rapaz retirou-se e ela se virou para os dois homens.

— Não falei de meu rancho querendo orgulhar-me dele. Uma fazenda deste tipo não traz só alegrias.

Nesse momento, o rapaz voltou com uma bandeja. Ela mesma serviu dois copos e lhos entregou.

— Estava falando de... - começou Burley.

— Das preocupações. Eu as tenho aos montes - completou a jovem.

— Contar todo o dinheiro que os cavalos e vacas produzem? - perguntou French em tom provocativo.

— Por favor, Common - ralhou Burley. — Você está falando com uma senhora.

— E eu sou somente um vagabundo, concordo. Mas não viemos aqui conversar fiado.

A jovem levantou os olhos, cujo brilho estava embaçado.

— Quando meu pai morreu, muita gente achou que não era trabalho para mulher administrar um rancho tão grande. Eu quis mostrar-lhes minha capacidade e tentei. Acho que tive êxito. Bem, deixemos isso de lado. Era apenas uma explicação. O fato é que tenho notado que nos últimos transportes de gado para o norte muitas reses se perderam.

— Mortas? - perguntou French.

— Não, roubadas.

— Sempre há furto de gado nos ranchos.

— Não nesta quantidade. Quase duzentas cabeças em duas expedições. Tenho

aguentado o prejuízo, mas começo a ficar preocupada.

— Compreendo - assentiu Burley.

— Preciso de homens de absoluta confiança. Meus contratos com os matadouros obrigam-me a entregar o número certo de cabeças. Se não entregar, os contratos serão anulados, e aí tenho de trazer a manada de volta.

— Common, você entende mais de gado do que eu. Está compreendendo o que a Senhorita Mollet está nos dizendo?

— Sim, ainda que não seja um cavalheiro do Sul. Alguém não se limita a roubar-lhe o gado, mas pretende causar-lhe prejuízos maiores.

— Exato - respondeu a jovem.

— Por quê? - perguntou French.

Ela pegou um copo vazio, colocou um pouco de uísque e bebeu de um só gole. O rosto dela ficou vermelho.

— Não costumo fazer isto. Desculpem-me. Tenho suspeitas, mas não posso provar.

— De quem? - tornou a perguntar French.

— De um homem chamado Reagan.

— Um rancheiro?

— Tem um rancho pequeno e muito dinheiro. Estabeleceu-se aqui faz uns dois anos. Comprou o velho rancho dos Smith e propôs-me casamento.

— Queria ficar com seu rancho?

— Não sei. Não parece precisar de dinheiro. Talvez seja por mim mesma.

French olhou-a de cima a baixo, e Burley repreendeu-o:

— Common!...

— Espere um momento, Jonatham. Não nego que a Senhorita Mollet tenha suficientes encantos para conquistar qualquer indivíduo. Mas um homem enamorado não se comporta assim.

— Creio - disse ela lentamente _ que você não compreendeu, French.

— O que compreendi - acrescentou Burley - é que esse homem precisa de uma lição. E se você me permitir, Senhorita Mollet, eu mesmo lha darei.

— Dom Quixote Burley - zombou Common.

— O que está querendo dizer?

— Isso: Dom Quixote. O que está pensando fazer? Ir falar com ele e dizer-lhe que...

— Exatamente, Common _ interrompeu Burley. - E' o que pretendo fazer.

— Obrigado, Senhor Burley - respondeu a jovem, suavemente.

— Não há o que agradecer, senhorita. Será um prazer fazer isto por você.

— Se já terminaram com as amabilidades - disse Common - gostaria de fazer-lhe uma pergunta.

— Sim?

— O que fazem seus vaqueiros?

— Meus vaqueiros defendem meus interesses como podem, mas nem sempre podem evitar. A estrada de ferro passa pelo rancho de Smith, isto é, pelo de Reagan. Há, ali, um reservatório de água. Por isto, talvez não seja conveniente ir falar com Reagan.

— E' melhor pegá-lo com a mão na massa - grunhiu French. - Isto é que é sensato, Dom Quixote.

— Eu lhe agradeceria se não voltasse a me chamar assim, Common. Não gosto do tom como fala.

— E' por isto que vai nos pagar trinta e cinco dólares por mês?

Burley virou-se, com o rosto pálido.

— Uma senhora não precisa pagar para um cavalheiro ajudá-la, Common.

— Mas não sou um cavalheiro, meu querido Jonathan. Sou um homem a quem regateiam cinco dólares. Nunca disse que nasci no Sul.

Burley estava a ponto de responder violentamente. A moça colocou-se entre os dois.

— Por favor.

French virou-se para ela.

— Onde está sua pose de grande negociante? A que tinha em seu escritório há dois dias?

— E' necessário este comportamento. Sou mulher e tenho de exigir respeito dos homens com quem lido. Do contrário. . .

— Oh! Está bem. Não faça uma cena de choradeira, agora.

— Common, tenho vontade de dar-lhe uma lição, e, se não mudar o tom ao dirigir-se a Miss Mollet, acho que a darei.

French olhou-o, respirou fundo e passou um braço sobre os ombros de Burley.

— Que graduação você alcançou no Exército confederado, Jonathan?

— Coronel.

— Eu só cheguei a capitão de cavalaria. Mas vou ensinar-lhe algumas coisas que deveria ter aprendido na Academia de Oficiais, Jonathan. A primeira coisa é saber o que fazer, quando alguém dispara das sombras. Descobrir por que o fez e de quantos homens dispõe. Senhorita Mollet, já nos disse tudo a respeito?

— Sim, tudo.

— Bem, Jonathan, o que faremos?

— Não sei o que você pretende fazer, mas eu, sim.

— Pois, então, não há mais o que discutir.

- Virou-se para a moça.

— E' melhor não revelar a ninguém que nos contratou. Poderemos agir melhor assim. Compreendido?

— Sim.

Mas, como sempre, olhava fixamente Burley, enquanto falava.

Nesse momento o rapaz chinês entrou na sala.

— O Senhor Reagan, senhorita.

— Diga-lhe que espere.

Ela esfregou as mãos nervosamente, e Burley perguntou:

— O que está acontecendo? Não quer vê-lo?

— Não queria que ele os visse.

— Agora é tarde, ele nos verá na saída. Faça o que Common disse. Diga-nos, na presença dele, que não está interessada nos nossos serviços.

Ela dirigiu-se à porta.

— Entre, Reagan.

O homem tinha uns trinta e cinco anos. Usava uma roupa pouco comum no Oeste. Tinha olhos e cabelos escuros e parecia muito forte.

— Olá, Kathleen.

Ele viu os dois homens e se deteve.

— Vaqueiros?

— Não. Não contrato mais ninguém.

— Pensei que precisasse de gente.

— Eu me arranho com os que tenho. Vocês podem ir. Podem comer, se quiserem.

— Obrigado, senhorita - agradeceu French.

— Um momento - disse Reagan. - Não foram vocês que arrumaram uma briga na cidade?

— Não sei do que está falando - respondeu Burley.

— Toda aquela confusão com a pupila de Wenner.

French segurou o braço do amigo e notou os músculos de Burley retesados.

— Conhecia Wenner, senhor? - O outro fez um gesto.

— E as meninas dele?

— Por que se mete nisso, vaqueiro?

— Por nada, senhor. Não fomos nós que começamos com as perguntas.

French virou-se para a jovem. Os olhos tinham uma expressão atenta e pareceu-lhe um pouco selvagem:

— Seja como for, foram vocês, não?

— Sim.

— Procuram trabalho?

— Sim.

— Apareçam no meu rancho. Talvez possa contratá-los.

Virou-se para Miss Mollet.

— Se a Senhorita Mollet não os quiser, é claro.

— Não os quero - respondeu ela.

— Talvez a gente apareça - respondeu French.

Um cozinheiro, também chinês, deu-lhes dois pratos de comida, que devoraram num instante. Estavam a sós num amplo corredor.

— Jonathan, não acha algo esquisito nisto?

— O quê? Uma mulher que, por estar só, é roubada?

— Nada mais?

— Nada mais.

— Vocês, do Sul, têm um conceito muito peculiar sobre as mulheres. As mulheres também têm coração, fígado, estômago e

sentimentos que, muitas vezes, não podemos entender.

Burley pôs-se de pé.

— Para mim, Common, uma mulher é uma mulher. E se ela me diz uma coisa eu acredito. Eu o aconselho que, enquanto estivermos juntos, aceite meu modo de pensar.

— Bem, tentarei. O que faremos primeiro? Você era coronel e eu capitão.

— Mas você conhece melhor do que eu a vida dos ranchos, tudo o que se refere a roubos de gado.

— Certo. Que lhe parece irmos ao rancho de Reagan?

— O que vou fazer é perguntar-lhe se é do rancho dele que partem as ordens para o roubo do gado.

— Claro, e ele vai responder tranquilamente que não. Vamos, Jonathan, não seja ingênuo.

Burley ficou pensativo. Terminaram de comer e viram Reagan sair do rancho.

French montou no cavalo e dirigiu-se a Burley:

— Diga a Miss Mollet que já vamos, Jonathan. Depois, vá reunir-se a mim.

Meia hora mais tarde, Burley encontrou French. Um poste, com uma tabuleta, anunciava que ali começavam as terras de Mollet. Ultrapassaram-no, indo ter na estrada de ferro. Seguiram o curso e foram dar numa cantina.

Entraram nela e o dono, um mexicano gordo, atendeu-os.

Enquanto bebiam uma cerveja, French perguntou:

— Estas terras pertencem ao Senhor Reagan?

— Sim, senhor.

— Procuramos o rancho dele para pedir trabalho.

— Os senhores o encontrarão logo ao sul, daqui a umas duas milhas.

— Espere-me aqui.

French dirigiu-se à estação, perto da cantina e encontrou uma casinha, que devia ser do agente da estação e duas estradas vazias. Observou tudo com olhar de água.

Para o sul, o terreno era muito acidentado.
Roubar gado naquele lugar?

French encolheu os ombros. O agente ferroviário olhava-o fixamente.

— Espera o trem?

— Não, estamos a cavalo.

— Quer alguma coisa?

— Não. Não é proibido parar aqui, é?

— Claro que não. Só é estranho.

— Muita gente pega o trem aqui?

— Aqui, não. Um vaqueiro, de vez em quando... Muito pouca gente.

— Esta terra é do Senhor Reagan?

— A parte da estrada e da estação, não. O resto, sim.

— Era o que eu queria dizer. Até logo. - Não vira ali nada, além do agente da estação e do dono da cantina. Roubar gado ali?

Voltou a encolher os ombros. Burley o esperava.

— O que estava fazendo? - perguntou, em voz baixa.

— Dando uma olhada.

— Encontrou alguma pista?

— Nada. Bem, vamos até o rancho.
Montaram nos cavalos e saíram da esta-
ção.

CAPÍTULO 4

Reagan recebeu-os na sala da casa situada entre duas gargantas. Dispunha de um cercado para rodeios pequenos, muito poucas reses à vista, e mal guardadas.

— Bem, rapazes. Vocês estão procurando trabalho. Urna coisa eu lhes digo: não admito desobediências nem insolências. E você, rapaz, que me fez uma esta manhã. . .

— Eu não fiz nada - respondeu French prontamente. - O senhor me fez uma pergunta e eu lhe respondi com outra. Então não sabíamos que nos transformaríamos em patrão e empregado.

— O salário será de trinta dólares.

— Trinta e cinco.

— O salário quem estipula sou eu. Trinta.

— Sinto muito.

Burley abriu a boca. French pousou a mão no braço dele.

— Assim, não há trato, Senhor Reagan.

Reagan fechou os olhos.

— E - prosseguiu French - não nos diga que se não aceitarmos não conseguiremos em lugar nenhum. Não nos importa. Não estamos morrendo de fome. Procuramos trabalho bem pago. Se não o encontramos, procuramos outra coisa. Somos homens de ação e nunca nos falta trabalho. Se um não paga, outro paga.

— Você não acha que é muito insolente?

— Não. Sou realista, Senhor Reagan. Não sou insolente com quem me paga, mas esse não é o seu caso.

Virou-se para Burley.

— Vamos.

— Um momento. Cinco dólares podem representar muito para vaqueiros que têm família. O que querem demonstrar é que são vocês quem decide, não?

— Pode ser, Senhor Reagan.

— Muito bem, trinta e cinco. Mas terão de fazer tudo o que eu lhes ordenar.

— Naturalmente.

— Podem ficar.

— Temos de voltar à cidade para apanhar nossas coisas. Quantos vaqueiros tem, Senhor Reagan?

— O que isso interessa a vocês?

— Não muito. E' só curiosidade.

— Dez.

— Obrigado.

— Comam antes de ir.

— Nós já comemos.

Sáiram. Enquanto cavalgavam pela via férrea viram uma ponta de gado conduzida por um vaqueiro a cavalo, em direção contrária à deles.

— Não entende nada de gado, não é verdade, Jonathan?

— Muito pouco.

— Pois olhe esses animais. Poucos e mal cuidados. Quando se vende gado somente pela carne e pelo couro deve-se criar em grande quantidade para ter lucro. Aposto como essas vacas é quase tudo o que o Senhor Reagan possui.

— Nesse caso, quer dizer que este rancho é somente um disfarce?

— Pode ser. Não estou afirmando nada.

French virou-se para olhar o companheiro. — Ainda não lhe disse o que sinto...

— Esqueça - respondeu Burley rapidamente. - Esqueça.

— Está certo, amigo.

— Ela está morta e enterrada. Não a censuro pelo que fez. A guerra salpicou todo mundo de lama. E' melhor nos esquecermos disso.

Alcançaram o rancho de Miss Mollet. Ela, no curral, examinava algumas cabeças de gado.

— Olá - saudou-os, arrumando o cabelo despenteado.

French pensou que a presença de Burley causava um efeito ruim nela, porém não comentou.

— Vimos a estação. Pode ser lá que embarquem os animais extraviados. Mas o que fazem com eles? Reagan não pode escondê-los entre os dele. Só tem a fazenda.

— Eu não sei - respondeu ela.

— Mas suspeita dele.

— Sim.

A jovem falou em tom quase colérico e French encolheu os ombros.

— O Senhor Reagan contratou-nos por trinta e cinco dólares. Parecia muito ansioso em fazê-lo.

— Vocês vão trabalhar com ele?

— Queremos - disse Burley - pedir consentimento a você. Na verdade, minha intenção era dirigir-me pessoalmente àquele sujeito e dizer-lhe o que pensamos dele.

French fêz uma careta.

Miss Mollet concentrava o olhar em Burley.

— O senhor faria isso, Senhor Burley? Faria isso por mim?

— Claro, senhorita.

French pensou, irritado, que a qualquer momento Jonathan beijaria a mão da jovem.

— Um momento. Miss Mollet não tem provas. Não basta uma suspeita. Em todo caso, já falou com o xerife?

— Meu pai me disse uma vez: “O que não puder fazer sozinha, com seus vaqueiros,

não pense que o xerife faça”. E este conselho eu tenho seguido.

Voltou-se para Burley.

— Senhor Burley...

— Meu nome é Jonathan.

— Jonathan, você está do meu lado?

— Naturalmente.

— Neste caso não compartilha das dúvidas de French.

— Acho que não.

— Muito bem - falou French. - Pode-se saber o que você quer, Miss Mollet? Não deseja que descubramos se é Reagan quem lhe rouba o gado?

— Isso eu já sei, ainda que não possa provar.

— Bem, Burley, você decide.

— Eu vou falar com ele.

— Como quiser.

— Você não vai comigo?

— Não.

— Common. . .

— Minha maneira de agir é outra. Já lhe expliquei.

— Uma maneira desonesta.

— Se você quiser chamar assim, tudo bem. Não conheço outro jeito para desmascarar um ladrão de gado.

Deu meia volta e começou a afastar-se. Burley reuniu-se a ele, depois de alguns minutos.

— Common.. .

— Jonathan, vamos falar claro. Venha comigo.

Caminharam até o curral, certos de que ninguém poderia ouvi-los. — Jonathan, essa mulher está empurrando-o para o suicídio ou para o assassinato.

Burley retesou-se.

— Não repita isso. Eu posso esquecer que somos amigos.

— Esqueça se quiser, Dom Quixote! Perdoe-me. Não queria ofendê-lo, mas você não vê...?

— Eu vejo - respondeu secamente - que uma mulher necessita de ajuda e eu não vou negar.

— Mataria esse homem sem outra prova a não ser a palavra dela?

— Sim.

— Nesse caso, sinto muito. Não conte comigo.

— E' uma pena, Common. Mas não posso fazer outra coisa.

— Que diabo! Posso perguntar-lhe o que quer?

— Já lhe disse. Impedir...

— Quer o pelo desse Reagan! Não vou dizer que ele seja um anjinho, mas ela está nos jogando contra ele.

— Não repita mais isso.

— Não vou repetir. Fique com ela e tenha sorte.

Miss Mollet caminhou até eles. Estava muito bonita.

— Miss Mollet - chamou French.

— Cuidado com o que vai dizer, Common.

— Não se preocupe, amigo. Sei conter a língua quando é necessário. Miss Mollet, meu amigo fica. Eu, não.

— Por quê?

French vacilou um momento.

— Pode dizer-me como morreu seu noivo?

— Como soube?

— Não importa como. O porquê é o que importa. Pode me contar o que aconteceu?

— Common, essas perguntas... Parece um juiz. Não vou permitir.

— Não? Como quiser. Se Miss Mollet não quiser responder...

— Eu não disse que não queria responder.

— Nesse caso, se não tem nenhuma objeção a fazer...

- Não tenho. Escutem. Há dois anos eu estava noiva de Jim Slatterville, que viera do Leste cuidar do rancho do pai. Era engenheiro, jovem e cheio de saúde. Um desconhecido matou-o, numa noite, quando regressava de minha casa para o rancho dele.

Burley estava tenso. French, ao contrário, mantinha-se inteiramente calmo, escutando atentamente.

— Um desconhecido - disse lentamente. - Não tem ideia de quem tenha sido?

Ela olhou-o e os olhos brilhavam.

— Ele discutira acaloradamente com Reagan por questões de limites.

— Não foi por você?

— Não. Pelo menos nunca soube que tocassem em meu nome durante a briga.

— Compreendo - disse Burley. - Mas você.

..

— Eu sei que foi Reagan quem o matou. Há um pedaço de terra que limita os dois ranchos. Essa terra pertencia ao velho Slatterville, e Reagan a reclamava para si. Não tinha papéis, mas todo mundo sabia que pertencia aos Slatterville. Brigaram na cidade. Muita gente viu. E, cinco dias mais tarde, Jim morreu. Mataram-no pelas costas, no meio da noite.

- Por que você acha que foi Reagan?

— Quem poderia ser? Se não foi ele, foi alguém enviado por ele.

French acendeu um cigarro.

— O que há nesse pedaço de terra que provocou a briga?

— Não sei.

— Nunca ninguém falou do que podia existir nele? Você sabe, sempre há rumores.

— Não sei.

— Onde fica essa terra?

— Venha comigo.

Levou-os até a sala do rancho. Abriu um armário e retirou um grande rolo de papel, abrindo-o sobre a mesa.

— Aqui.

French olhou. O mapa era pintado à mão, em diversas cores.

— Foi meu pai quem desenhou. - Burley inclinou-se sobre o mapa.

O pedaço de terra estava sombreado de verde com pontos pretos. Aquilo significava árvores. Além da linha azul, passava um rio ou riacho.

— Muita água? - perguntou Burley.

Ela assentiu.

— Sim, mas a briga não foi por causa da água. E' um arroio pequeno. Ele nasce numa elevação quadrada, alta, situada aqui - assinalou no mapa.

— A quem pertence essa terra? - perguntou French.

— E' propriedade do Governo. Há uma reserva indígena entre estas elevações. Um terreno desértico, sem água, além do arroio. Mas, por que estão fazendo tantas perguntas?

— Miss Mollet, você conhece essa terra, não?

— Bastante bem. Tanto quanto os funcionários da reserva nos deixam aproximar.

— Disse que o rio é pequeno?

— Sim, e com muitas cascatas.

— E desníveis de terreno?

— Sim.

French ergueu-se.

— O que acha, Jonathan?

— Bem... — Os olhos do coronel sulista estavam embaraçados.

— Vamos, diga. Creio que você também viu.

Ela olhava um e outro.

— O que vocês querem dizer?

— Ouro, Miss Mollet. Ouro.

— Ouro?

— Sim.

— Mas meu pai nunca me falou nada. Esperem aí... Certa vez ele me disse que a fortuna deste território não consistia somente nos pastos e no gado.

— Exato. Ele percebeu. Mas, provavelmente, não quis provocar uma corrida como a da Califórnia no ano de 48. Ouro, Jonathan.

— Estou vendo. Reagan matou o noivo de Miss Mollet por que...

— Porque Jim Slatterville descobrira o precioso metal. E Reagan também. Miss Mollet, a quem pertence agora o rancho de Slatterville?

— Está completamente abandonado. Jim era o único herdeiro.

— Não há parentes?

— Que eu saiba, não.

— Compreendo. Acho que a coisa está mais clara agora. Eu tinha razão em querer saber alguma coisa mais, Jonathan.

Burley concordou com o amigo.

— Miss Mollet, ninguém reclamou o rancho? - continuou French.

— Que eu saiba, não. Não consigo acreditar: ouro. Isso significa que estamos todos em perigo.

— Sim - respondeu French. - Uma corrida arruinaria todos estes ranchos, o seu principalmente.

— Temos que impedir.

— Exato. Temos que impedir, Jonathan. Esse homem não deve suspeitar do que sabemos. Ele quer casar com você, segundo disse, não?

— Sim, já tentou várias vezes.

— Talvez - aventou Burley - esse homem queira precisamente evitar uma corrida de mineradores de ouro.

— Mineiros!

French pronunciou a palavra como uma bomba.

— Não se lembra? Os tipos com quem brigamos. De onde vinham? Temos de averiguar.

— Claro!

-- Alguém deve ter-lhes falado alguma coisa. Não acredito que tenham descoberto por eles mesmos.

Burley virou-se para Miss Mollet.

— Você pensa que pode ter sido Reagan?

— Não sei.

— O rancho dele, como Common disse, é muito pequeno. Não vale nada. Provavelmente está confiando no ouro.

— Deve ter brigado com Slatterville - acrescentou French - porque ambos descobriram que nesse lugar há ouro em quantidade.

French ajustou o cinturão.

— O que vai fazer, Common?

— Há duas coisas a fazer, Jonathan.

— Bem... - o coronel sulista pensou um pouco. - Uma delas é fazer o reconhecimento do terreno e do riacho, a outra é falar com os mineiros.

— Pensamos exatamente igual, companheiro. Mas acho que devemos ver os mineiros primeiro.

Miss Mollet deu um passo à frente.

— Quer dizer que você não vai embora, French?

— Quer dizer que vou ficar, senhorita.

— Meu nome é Annelee e meus amigos me chamam assim.

Estendeu a mão, e Burley beijou-a. French colocou a dele sobre as dos dois.

— Amigos, então?

— Amigos.

— Annelee, vamos voltar para a cidade. Sobre o que conversou com Reagan esta tarde?

— Quase nada... Voltou a pedir-me que me case com ele.

— Posso perguntar qual foi sua resposta?

- Burley retesou-se ao fazer a pergunta.

— A mesma de sempre. Não. Mas ele não se conforma em aceitá-la como uma decisão final. Falou-me que, em um futuro próximo, talvez eu mude de ideia. Notei na voz dele uma espécie de ameaça. Foi por isto que... Oh! Jonathan! French tinha razão, quando pensou que eu queria ver Reagan morto aos meus pés.

Pronunciou as palavras com um vigor selvagem, que surpreendeu os dois homens.

— Bem, aguarde nosso regresso. Não vamos demorar.

CAPÍTULO 5

Durante quase duas horas ficaram no saloon. Da mesa onde estavam viram as moças passeando no salão e o xerife encostado no balcão, observando-os. Viram também os mineiros que bebiam abundantemente.

Pouco a pouco, à medida que a noite avançava, o público ia escasseando. Às três da madrugada, apenas o grupo de mineiros permanecia bebendo cerveja e uísque em partes iguais.

Logo, dois deles, bastante bêbados, saíram. Ficaram os outros três. Mais tarde, saíram mais dois. O último tomou mais um copo e também foi embora.

Os dois amigos deixaram o saloon.

Viram o mineiro caminhando lentamente pelo meio da rua, com um cigarro aceso na mão.

Apertaram o passo, ladeando-o. Este se virou. Ao vê-los levou a mão ao revólver.

— Quietos, rapaz - disse French. - Não faça bobagens.

— Se vocês querem briga, eu aceito, apesar de estar sozinho.

Segurava a coronha da arma. French deu-lhe um safanão no braço e Burley agarrou-o por trás, imobilizando-o.

— Dissemos que ficasse quietinho. Vai dar um passeio conosco.

— O que estão querendo? Matar-me?

— Não, rapaz.

O mineiro tentou escapar, porém o golpe de Burley fora bem dado e ele nem se mexeu.

French acabou logo com a questão, dando-lhe uma pancada na cabeça.

— Vamos pegar os cavalos.

— Vai levá-lo ao rancho de Annelee?

— Se você conhece algum lugar melhor, não. Ela não correrá perigo, Jonathan. Este sujeito não verá o lugar onde estamos levando-o. Deixe isso comigo.

Montaram e Burley acomodou o homem desmaiado sobre o cavalo.

Quando chegaram ao rancho eram três e meia da madrugada. O cozinheiro chinês abriu-lhes a porta.

— Diga à patroa que venha cá - ordenou Burley.

— A esta hora?!

— Sim. Vamos, apresse-se.

Nesse momento, o mineiro começava a se recuperar da pancada e abriu os olhos.

A moça apareceu, envolta em um robe por cima da camisola.

French levou a mão aos lábios, indicando-lhe que não falasse. Assim o mineiro não poderia lembrar-se, depois. Annelee postou-se num dos cantos escuros da sala.

O mineiro sacudiu a cabeça e tentou levantar-se.

— Quietos - falou French, escorando-lhe o peito com o pé.

— O que vocês querem de mim?

— Queremos fazer-lhe algumas perguntas.

— Olhem, se foi pelo que aconteceu outro dia...

— Não. Como se chama?

— Belver.

— Bem, Belver, o que anda procurando por aqui?

— Aqui?

— Sim, na cidade.

— Somos mineiros.

— E onde encontram ouro?

O homem comprimiu os olhos.

— Então é isso! Querem roubar o fruto do meu trabalho.

— Pense o que quiser. Agora somos nós que fazemos as perguntas. Onde encontrou ouro?

— Não digo. Não quero que me roubem.

French tirou o cinturão e, mostrando-o ao homem, acrescentou:

— Um tratamento com isso fará com que solte a língua, Belver. Não vou parar até que você me responda.

Balançou o cinturão no ar. A fivela brilhou à luz do lampião.

O homem fez um careta.

— Fale - gritou French, levantando o cinturão.

O homem tapou o rosto com as mãos.

— Espere! Nós não encontramos muito ouro.

— Onde foi?

— No riacho, ao sul. Mas era muito pouco.

— Nesse caso, por que veio para cá?

O homem fez silêncio. French ameaçou-o outra vez.

— Viemos porque um do nosso grupo asseverou que aqui encontraríamos ouro.

— Como ele sabia?

— Alguém lhe disse, mas não sei quem. Já íamos embora...

— Iam embora?

— Não. O homem que falou sobre o ouro disse que deveríamos esperar, porque mais cedo ou mais tarde encontraríamos ouro.

— Onde?

— Teríamos de subir as montanhas.

— Sabia que aquelas terras são do Governo?

Os olhos do homem embaçaram.

— Se descobrirmos ouro, temos direito de registrar a terra e explorá-la.

— Quem foi o homem que falou sobre o ouro?

— Não sei. Palavra que não sei. Nosso companheiro não nos disse.

French pegou um pedaço de corda e amarrou as mãos e os pés do homem.

— O que estão pensando fazer comigo?

French não lhe respondeu. Os três saíram. French tornou a entrar, para falar com a moça, acompanhado de Burley.

— O que vai fazer? - perguntou ela.

— Há várias coisas a fazer. Não podemos deter este homem indefinidamente. Vamos levá-lo ao acampamento. Esta é a melhor hora, pois todos devem estar dormindo. Quero ter uma conversa com o sujeito que falou sobre o ouro.

— Agora?

— Sim.

—E se a investigação provar que foi Reagan?

— Nesse caso, iremos falar com ele, a menos que você não permita.

— Não, acho que é o melhor.

A jovem pôs a mão sobre o braço de Burley, que se sentiu irritado com o gesto. As mulheres pareciam ver algo de especial nele.

— Está pronto, companheiro? _ perguntou French.

— Estou. Até logo, Annelee.

French saiu da sala, pegou o mineiro e o carregou até o cavalo, montando-o.

Burley saiu da casa e se deteve para acender um cigarro. Quando montou, French disse-lhe:

— O que você dá às mulheres?

— Cuidado com a língua, Common. Annelee é uma dama.

— E você um cavalheiro. E os cavalheiros são homens.

— Cale-se!

Falavam em voz baixa, para que o mineiro não os ouvisse.

— Vamos acabar brigando agora - disse French.

— Depende de você.

— Talvez tenhamos de falar sobre isso, quando terminarmos o trabalho - respondeu French lentamente.

Burley se virou para o mineiro e aproximou o cavalo do dele.

— Você vai-nos conduzir até o acampamento, rapaz. Se quando chegarmos alguém perguntar quem é, responda que é você. Entendido? Meu revólver ficara o tempo todo colado às suas costas. Qualquer palavra suspeita e eu atiro.

Continuaram cavalgando até a estrada de ferro.

— Não sei onde estou - resmungou o mineiro.

— Não se preocupe. Onde é o acampamento?

— As margens do riacho, mas não sei onde.

— Olhe as estrelas.

O mineiro obedeceu.

— Não consigo orientar-me. - Estava tentando ganhar tempo.

— Vamos. Aqui é a estrada de ferro. À esquerda ou à direita?

— ã esquerda.

French aproximou o cavalo do cavalo do homem até tocá-lo.

— Não minta.

— Não estou mentindo. A que distância nós estamos da cidade?

— A dez milhas.

— Por ali - indicou o mineiro. Começaram a cavalgar. A estrada de ferro cruzava a pradaria. Atravessaram-na e penetraram nos pastos.

Umãs três ou quatro milhas mais adiante viram algumas árvores do bosque indicado pelo homem. Não os tinha enganado.

— Agora prepare-se - disse French. - Se um dos seus companheiros fizer alguma pergunta já sabe o que responder.

Chegaram ao bosque e se internaram nele.

— Devemos estar perto - disse o homem, em voz baixa.

Burley apertou a pistola nas costas do outro.

— Cuidado, então.

— E' por aqui.

Neste momento uma voz rouca soou à direita.

— Belver? Maldito bêbedo!

— Responda - disse Burley, em voz baixa.

— Sim, sou eu.

— Onde esteve metido?

— Estava na cidade.

Agora já podiam ver o reflexo da fogueira. French dirigiu-se a ela, sem se preocupar em disfarçar o barulho das patas do cavalo.

A fogueira estava quase junto ao riacho. Um momento depois, French viu os vultos estendidos no chão. Um deles estava coberto.

French meteu o cavalo dentro do acampamento até perto da fogueira.

— Quietos.

Um deles tentou levantar-se. French agachou-se e o ameaçou com o revólver.

Nesse momento, o sol começava a aparecer no horizonte. Já amanhecia.

Burley aproximara-se, e o barulho do cavalo acordou os demais mineiros.

French desmontou, com o revólver na mão. Abaixou-se e pegou alguns galhos se-

cos, jogando-os na fogueira. A chama e o calor aumentaram.

Os homens levantaram a cabeça, meio adormecidos pelo efeito da bebedeira.

— Bem, rapazes. Podem me ouvir?

Um deles tirou a mão da coberta. Algo brilhava nela.

French disparou o revólver, e a arma pulou da mão do mineiro.

— Não estamos brincando. Vamos, de pé! Jonathan, cubra-me. Vou desarmá-los.

Os homens já estavam de pé. French recolheu as armas e jogou-as do outro lado.

— Bem, agora Belver, diga-nos, quem é o chefe aqui?

Belver vacilou. French deu-lhe um soco que o fez cair perto da fogueira.

—Esse.

Mostrou um de rosto barbado e olhos muito abertos.

— Vamos, rapaz, fale.

— Falar o quê?

— Onde está o ouro?

— Maldição!

—Onde?

O mineiro jogou-se contra French. Este se esquivou e, com o revólver, golpeou-lhe o rosto.

— Não estamos brincando. Onde está o ouro?

— Não temos ouro. Não encontramos.

— Mas alguém sabe onde está. Onde?

— Eu não sei.

O nariz do mineiro sangrava. Com um soco direto, French atingiu-o de novo. O homem levou a mão ao rosto.

— Vamos, fale.

Burley moveu-se, de maneira a colocar-se em frente aos outros, com o revólver na mão.

O mineiro olhou ao redor como um coelho assustado.

— Eu não o conheço... Espere!

Gritou, ao ver o punho de French levantar-se para novo golpe.

— Você ia se encontrar com ele, não estou certo? Onde? - perguntou French.

— Em Tucson.

— O que foi exatamente que ele lhe disse?

— Que existia ouro neste lugar.

— Você é mineiro há muito tempo, não?

— Sim.

— E acreditou sem prova?

— Ele me levou uma amostra.

— Como era esse homem?

— Alto e magro.

— Algum sinal particular pelo qual se possa reconhecê-lo?

— Não.

— Mas você o reconheceria, se o visse outra vez, não?

— Sim.

— Vou dar uma olhadela nas coisas de vocês. Tome conta deles, companheiro - dirigiu-se a Burley.

Revistou a mochila dos homens. Em três delas encontrou uma pequena bolsa de camurça. Abriu-as. Continham ouro, mas em pequena quantidade. Os homens o fitavam com os olhos muito abertos. Deixou as bolsinhas nos respectivos lugares.

— Falou com alguém sobre o ouro? - perguntou French ao mineiro.

— Não. Claro que não. Se o encontrássemos, nós queríamos somente para nós.

— Está bem. Agora vocês pretendiam seguir para o norte até as elevações?

— Sim.

— Foi o mesmo homem que lhes disse isso?

O mineiro fez silêncio.

— Responda!

French aplicou-lhe uma gravata.

— Sim - respondeu o homem, amedrontado.

— Voltou a vê-lo, não? Onde? Responda logo, porque eu já estou perdendo a paciência.

— Eu o vi - respondeu o mineiro. - Na cidade, há cinco dias.

— E certamente vai voltar a vê-lo.

— Sim. Amanhã.

— Na cidade?

— Sim.

— Muito bem. Agora, ouça-me com atenção: amanhã você vai sozinho à cidade. Quando vir esse homem, nós estaremos por perto. Não tente avisá-lo de nossa presença porque eu não terei pena de você. Entendeu?

- Sim, mas este ouro é nosso...
- O ouro que vocês acharam é de vocês, mas queremos saber onde há mais.
- Nós. . .
- Nem mais uma palavra. Vamos, Burley. Montaram nos cavalos e afastaram-se, a galope.

CAPÍTULO 6

— O que devemos fazer em primeiro lugar? - Burley parecia falar consigo mesmo.

— Você mesmo pode dizer, companheiro.

— Temos de estar na cidade quando o mineiro for se encontrar com o homem.

— Se ele não nos enganou.

— De qualquer maneira, não perdemos nada em esperar na cidade.

Olharam-se nos olhos.

— Aquele mineiro pode tentar se aproximar do rancho de Reagan, se for de lá que partem as ordens. Não seria má ideia um de nós vigiar o rancho.

Tirou uma moeda do bolso e olhou-a.

— Cara ou coroa? - Burley sorriu.

— Está certo, amigo.

French lançou a moeda para o ar e, quando ela caiu, tapou-a com o pé.

— Cara - disse French.

— Coroa.

Deu cara.

— Bem, você vai à cidade. Eu, ao rancho. Procurarei Reagan e lhe direi que estamos pensando em aceitar a proposta dele.

Burley olhou-o, preocupado.

— Sabe que pode ser perigoso, amigo.

— Deixe por minha conta.

— Tome cuidado.

— Eu tomarei. Mas no caso de me acontecer algum mal...

— Você tem família em algum lugar?

— Sou sozinho. Não se trata disso. Eu queria que você dissesse a Annelee...

— O quê?

— Nada. Deixe para lá.

Estendeu a mão e estreitou a de Burley.

— Até logo, companheiro.

Deu meia volta no cavalo e começou a cavalgar em direção ao sul.

Logo alcançou a estrada de ferro. O sol já estava a pino. Parou o cavalo numa moita, amarrou-o, sentou-se no chão e começou a esperar.

Tinha vontade de fumar um cigarro, mas a fraca fumaça poderia delatar a presença dele ali.

Não esperou muito. Ouviu um fraco galope que se aproximava. Viu, logo depois, o cavaleiro.

Quando o outro estava a uma boa distância, pegou o cavalo e começou a segui-lo. Ia em direção ao rancho de Reagan. Parou a uma boa distância do rancho e esperou.

O mineiro saiu da fazenda duas horas depois. French apagou o cigarro e viu o mineiro pegar a estrada de ferro e seguir em direção à cidade.

French começou a segui-lo.

Quando chegou à cidade, foi imediatamente ao saloon. Burley não estava lá.

Dirigiu-se ao balcão e perguntou ao garçom se tinha visto o companheiro. Ele assentiu.

— Os outros também o viram. O xerife chegou aqui e pediu-lhe que o acompanhasse à delegacia.

— Prendeu-o?

— Acho que não, mas ele teve de acompanhá-lo.

French foi até a delegacia e empurrou a porta. O xerife estava de pé, diante da mesa, consultando uns papéis.

— Olá! Quer alguma coisa?

— Onde está o Senhor Burley?

O xerife largou os papéis em cima da mesa.

— Eu o prendi.

— Por quê?

— Por assassinato.

— Assassinato de quem?

— De um tal Wenner. Você sabe muito bem. Você estava presente.

— Por que não o prendeu antes?

— Escute, não gosto do seu jeito de falar. Eu sei qual é a minha obrigação e a cumpro. Existe um morto e um preso.

French apoiou-se na porta. O corpanzil parecia relaxado, mas os músculos estavam prestes a entrar em ação.

— Você não o prendeu antes porque achou que ele estava certo ao fazer o que fez. Mas mudou de opinião. Por quê?

— Já lhe disse que não me fale nesse tom. Não me venha ensinar o que devo fazer.

French viu-o dirigir o olhar para onde estava a arma.

Aproximou-se do xerife e agarrou-o pela camisa.

— Ei, o quê está fazendo?

— Abra a cela, xerife.

— Você não pode pedir-me que solte o preso.

— Eu não estou pedindo, xerife. Estou ordenando. E se não soltá-lo imediatamente vai-se arrepender.

Empurrou o xerife contra a parede. O delegado tentou resistir, mas estava preso entre duas poderosas mãos.

— Não me ouviu? Dê-me as chaves.

O xerife meteu os braços entre os de French, tentando escapar. French riu.

Deu-lhe uma joelhada na barriga, fazendo-o encostar-se, de novo, na parede. Um esgar de dor apareceu no rosto do xerife.

— Não me entendeu? Dê-me as chaves.

Os olhos do xerife se fecharam. Parecia incapaz de falar. French olhou em torno e viu o chaveiro pendurado na parede.

Sacou o revólver, apontou-o para o xerife a pegou as chaves.

— Caminhe - ordenou, entregando-lhe as chaves.

O xerife abriu a porta que dava para um corredor de celas e entrou, seguido de French.

— Burley!

— Aqui, Common.

Estava na segunda cela. Do rosto dele escorria um fio de sangue que já começava a coagular.

— Abra, xerife.

— Estou avisando-o - disse o xerife. - O que você está fazendo pode levá-lo à força.

French deu-lhe um soco, que o atirou contra a parede. Apanhou as chaves e abriu a cela.

Burley saiu, sereno e tranquilo, como sempre.

— Como se deixou prender, Burley?

— Êle me disse que só queria algumas informações. Quando entramos na delegacia, golpeou-me pelas costas.

— Isto é que é uma boa maneira de arranjar complicações. Se você quiser pode ir à forra com ele.

Burley olhou o xerife, que enxugava o suor do rosto.

— Não - disse o ex-coronel. - Não vale a pena. E' um pobre diabo.

French encolheu os ombros.

— Um pobre diabo que poderia tê-lo levado à forca. Como quiser, companheiro, mas antes de sairmos quero ter uma conversa com ele.

Segurou o xerife pela roupa e prendeu-o nas grades.

— Agora, escute bem. Quem lhe deu ordens para nos prender?

— Não recebo ordens de ninguém.

— Quem foi? - French repetiu a pergunta com voz afiada.

— Ninguém.

— Como quiser.

French fechou os punhos e o ameaçou.

— Vou quebrar-lhe os ossos da cara, xerife. Alguém falou com você sobre nós, e eu quero saber quem foi.

A porta da delegacia abriu-se. Burley caminhou até ela. Na porta estava um homem com uma pequena estrela no peito. Era o ajudante do xerife.

— O que está se passando aqui? - perguntou o comissário.

Burley pegou o revólver do xerife e apontou para o ajudante.

— Entre e não faça perguntas.

— Mas isto é...

— Entre!

O ajudante entrou e Burley trancou a porta.

French, que já tinha saído da cela, olhou o homem e perguntou:

— Sabe por que prenderam meu amigo?

O ajudante lançou um olhar à cela onde estava o xerife.

— Vocês estão loucos.

— Responda à minha pergunta. Sabe por quê?

— Sim.

— Quem ordenou a prisão?

— Um homem. Escutem, o que vocês fizeram...

— Você é um homem da lei. Este tipo não merece ser o xerife da cidade. Não concorda?

O ajudante, amedrontado, hesitou:

— Eu não sei. Ele foi eleito por...

— Cale-se, Marsh! - gritou o xerife e acrescentou, olhando French. - Ele cometeu um assassinato, talvez em legítima defesa, mas meu trabalho é este e tenho de cumpri-lo. Alguém quer que seu amigo fique preso.

O xerife saíra da cela.

— Escutem, vão embora. - French começou a rir.

— Não conte com isso. Queremos saber quem lhe mandou prender-nos.

— Reagan, um sujeito de influência. E se tornar a pedir-me, eu vou ter de fazê-lo.

— Entendo. Reagan tem influência, mas nós temos revólveres. Nós, agora, vamos embora. E você, xerife, esteja do lado de quem estiver, aconselho-o a ficar do nosso lado.

Abriu a porta e saíram. O escritório de Annelee Mollet era perto. O empregado os olhava atentamente.

— Você pode mandar um recado para sua patroa? - perguntou Burley.

— Sim. Ela me deu ordens para que os ajudasse no que fosse preciso.

— Diga-lhe o seguinte - falou Burley serenamente: «Não saia do rancho. Nós iremos lá, tão logo possamos.» Entendeu?

— Perfeitamente. Vou mandar um mensageiro agora mesmo.

Seguiram caminho.

— E agora - perguntou French - o que vamos fazer?

— Esperar. Conseguimos respostas do xerife. Temos de esperar para saber qual é o próximo movimento deles.

— Você não se preocupa com Annelee?

— Por que haveria de preocupar-me? Ela tem os vaqueiros dela. Não lhe acontecerá nada.

Notava-se na voz dele um tom de reserva, quase como se pedisse a French que confirmasse o que ele dizia. French notou.

— Escute, rapaz. Pode me responder uma pergunta, ou sua honra de soldado sulista o impede?

— Depende da pergunta.

— Você está apaixonado por ela?

Burley olhava o outro extremo da rua.

— Você me ouviu?

— Eu não sei.

— Responda com sinceridade.

— Acho que sim.

— Eu também, companheiro. Mas olhe quem vem lá.

Acariciou o cabo do revólver. Burley imitou-o. Pela rua, caminhavam na direção deles os cinco mineiros.

— Parece que chegou a hora. A brincadeira vai começar. Você ou eu?

— Eu.

— Protegê-lo-ei do outro lado.

French atravessou a rua com passos rápidos. Burley, com um cigarro entre os dedos da mão esquerda, esperou.

Os cinco mineiros pararam ao vê-los. Trocaram palavras em voz baixa e abriram mais o leque já formado no meio da rua.

French já alcançara a outra calçada e desaparecera nas sombras.

Os cinco continuaram avançando. O xerife apareceu na porta da delegacia. Ao vê-los, entrou e tornou a sair com um rifle na mão.

— Você _ disse o mineiro que French esmurrara naquela madrugada, indicando Burley.

— O que foi? - indagou Burley calmamente.

— Agora você vai nos dizer o que queria.

— Eu já lhes disse.

— Um momento - interveio o xerife, com voz forte. - O que está acontecendo aqui?

— Esses homens assaltaram-nos na madrugada passada. Esmurraram-nos. . .

— E' verdade? - perguntou o xerife, encarando Burley.'

— Sim.

— Nesse caso, você reconhece que...

— Sim. Reconheço apenas o que fizemos. Burley deu alguns passos e jogou o cigarro na valeta da calçada.

— Venham todos para a delegacia! - intimou o xerife.

Um dos mineiros se virou para o delegado.

— Por que não o prende?

— Por que...

Um balaço partiu de um dos mineiros. Burley sentiu a bala passar junto à orelha, porém não se moveu um milímetro. Disparou, e o homem que o atacara deu um salto acrobático ao ser atingido pelo projétil e caiu de costas, no chão.

Todos os outros correram, procurando abrigo nas calçadas. Um deles disparava, mas as balas passavam alto demais.

Um novo elemento surgiu na briga. French disparou duas vezes e dois mineiros caíram mortos.

A tranqüila rua transformara-se num inferno de barulho, confusão e gritos.

Burley avançava tranqüilamente, com passos medidos e o corpo ereto.

— Venha cá - gritou French. - Esconda-se!

— Não.

Somente dois mineiros permaneciam de pé. Um deles deixou cair a arma no chão, e o outro gritou algo que não puderam entender.

French saiu do esconderijo.

— Não se movam - ordenou o xerife, dirigindo-se a French e Burley.

— Nós vamos nos mexer na hora que quisermos. Não será você quem nos vai impedir. Se não nos defendêssemos agora, não estaríamos aqui. Não se meta nisto.

O xerife olhou-os, com ar sombrio.

— E' minha obrigação. Aqui há três cadáveres. O que vou fazer?

- Enterrá-los - respondeu French.

Aproximou-se dos dois mineiros sobreviventes. Eles o olhavam, amedrontados.

— Acabou. Venham conosco.

Empurrou os dois homens até a delegacia. Lá dentro, perguntou-lhes.

— Um de vocês foi ao rancho de Reagan esta manhã. E' pena que aquele que foi esteja morto. Foi receber instruções, não é verdade?

Os dois homens compreenderam que o momento não era propício para negativas.

— Sim - respondeu, passando a língua pelos lábios secos.

— E ele lhes disse que viessem à cidade cuidar de nós?

O mineiro respondeu afirmativamente.

— Ouviu, xerife? Reagan mandou-os para nos matar. Agora você tem que se decidir de que lado está. Do de Reagan ou do de Miss Mollet? Faça o que achar melhor, mas uma vez escolhido o caminho, tem que ir até o fim.

O xerife fez um gesto de espanto.

— Reagan? E' impossível.

— Pois não é. Meta esses homens no xadrez. Nós vamos ter uma conversa com Reagan. Você sabia que provavelmente foi ele quem matou o noivo da Senhorita Mollet?

— Houve falatório, mas não podemos acusá-lo do crime - acrescentou o xerife.

— Muito bem. De que lado está?

O xerife não era tolo. Lançou uma olhadela ao ajudante. Este permanecia impassível.

— Estou com Miss Mollet, é claro.

— Está certo. Meta estes homens na cadeia. Eu e Burley vamos dar um passeio.

Sáiram. Uma vez fora da delegacia, Burley decidiu:

— Vamos até o rancho.

CAPÍTULO 7

Annelee Mollet, vestida com roupa de montaria, recebeu-os. Ouviu atentamente a história contada por Burley enquanto preparava as bebidas.

Quando o ex-coronel terminou, ela simplesmente falou:

— Não tinha me enganado.

French falou qualquer coisa sobre as previsões das mulheres. Annelee acrescentou.

— E agora o que vamos fazer?

— Tirar Reagan do refúgio dele. Lá saberemos o que podemos esperar dele - falou Burley.

— Não tentou vê-lo de novo?

— Não.

Ela pousou a mão no braço de Burley.

— Você vai ao rancho de Reagan?

— Agora mesmo. Quero matá-lo.

— Existe coisa mais importante a fazer - disse French.

— O que pode ser mais importante do que acabar com aquele sujeito?

— Simplesmente saber onde está o ouro. -
Burley encolheu os ombros.

— Não me interessa.

— A mim, sim, amigo. Importa-me muito.
Eu não tenho dinheiro como você. Sou
pobre e um pouco de ouro me faz falta.

— Se esse ouro for descoberto, será a
morte dos ranchos de gado - assegurou
Annelee.

— Mas minha vida é mais importante. Te-
nho passado muitas privações e feito de
tudo. Gostaria, agora, de retirar-me para
uma vida calma e confortável. Você e
Jonathan são ricos. Eu não.

Meteu a mão no bolso e tirou um punha-
do de moedas.

— Nem sete dólares. Quero aquele ouro.

— Você não se importa com o que disse
Annelee? - perguntou Burley secamente. -
Há coisas que valem mais que ouro.

— Isso é muito fácil de dizer quando não
se passou fome.

— Não poderia convencê-lo? - perguntou
Annelee .

— Eu duvido muito.

— Common - disse Burley - de minha parte não lhe faltará nada. Não sou rico, como você diz, mas tenho algum dinheiro. Se você quiser. . .

— Ser seu empregado a vida inteira, Dom Quixote? Sempre dependendo de você? Não, obrigado. Se há uma oportunidade diante dos meus olhos, eu vou aproveitar.

A jovem estendeu as mãos para French. Ele as pegou e limitou-se a olhá-la com uma curiosa expressão no rosto.

— Common - disse ela - se esse ouro for descoberto, muito provavelmente vou perder meu rancho. Isto aqui se transformará numa Califórnia, na época do ouro.

— Eu sei. Mas tenho direito a uma oportunidade, não?

— Sim. Tem direito a ela. Está bem, Jonathan, não podemos deixá-lo pensar que somos egoístas. Faça o que achar conveniente, Common.

— Obrigado pela permissão.

— Quer dizer que nossos caminhos se separam aqui? - perguntou Burley.

— Não, ainda não. Vamos ao encontro de Reagan.

— Uma coisa eu lhe digo, Common. Quero matar Reagan. Portanto, se quer saber onde está o ouro, acho que deve averiguar antes de meu encontro com Reagan. Neste encontro um de nós morrerá.

Annelee estremeceu diante daquelas palavras.

— Jonathan, por favor, tenha cuidado. Reagan tem fama de ser bom atirador. E se foi ele quem matou meu noivo, não se deterá frente a outro assassinato, mesmo que seja pelas costas.

— Terei cuidado.

French dirigiu-se à porta.

— Um momento - pediu Annelee. - Posso falar com você?

— Claro.

Burley cumprimentou-a e saiu. French permaneceu olhando a moça. Estava muito bonita, com o rosto queimado do sol e os lábios vermelhos.

— Common. . .

— Um momento. Se vai me falar sobre o ouro...

— Não. Não ia falar do ouro. Queria pedir-lhe que não deixe nada de ruim acontecer a Jonathan.

Common French apertou os lábios.

— Lógico, garota, lógico. Não deixarei que nada lhe aconteça, ainda que ele não precise de ama-seca.

— Se algo lhe acontecesse, eu me sentiria culpada.

— E se fosse comigo?

— Também, naturalmente.

French notou que ela dissera aquilo sem a mesma preocupação de antes. O rosto estava com uma expressão esquisita.

— Não há motivos para se sentir culpada. No final das contas, você está me pagando trinta e cinco dólares para eu trabalhar.

Ela saiu da abstração e olhou-o. Surpresa, a princípio, com compreensão, depois.

— Common. . .

— Espere um pouco. Não diga nada que possa se arrepender depois. Cuidarei de Jonathan .

— Cuide-se, também. Common, eu...

— Silêncio. Já é tarde e temos de ir.

Ela parecia ainda vacilante. Logo, decidiu-se e disse:

— Não irão sós. Eu vou acompanhá-los.

Common assombrou-se com a resolução dela.

— Você está louca? Ir conosco?

— Vão defender meus direitos, não é? O que há de mais que eu queira ir, também?

— Não pode ir! Uma bala perdida poderia atingi-la.

— Já decidi. Alguns de meus homens e eu vamos acompanhá-los.

Common French deu um murro na porta.

— Se você está louca, eu não estou. Jonathan decidirá.

Os olhos dela brilharam.

— Faça o que quiser. Quando eu decido uma coisa é muito difícil voltar atrás.

French abriu a porta. Jonathan Burley esperava, fumando um cigarro.

— Esta louca quer ir conosco _ disse, sem maiores rodeios.

Burley retesou-se.

— O que você disse?! Repita!

— Ela quer ir conosco. Pode ser uma mulher morta se persistir nessa ideia.

— Completamente certo, exceto que não estou louca - respondeu Annelee. - Vocês vão defender meus interesses, e eu quero acompanhá-los.

— Eu vou defender os meus interesses - replicou French. - Por isso, pode ficar onde está. Jonathan, diga-lhe que não pode ir.

— Annelee...

— Se não me levarem, eu vou sozinha.

O rosto dela expressava tal determinação que os dois homens se entreolharam, compreendendo que seria inútil insistir.

— Está bem _ disse Jonathan. - Procuraremos fazer com que nada lhe aconteça, mas será uma carga para nós. Não teremos tranquilidade.

— Sei manejar um revólver como qualquer homem. Além disso, levarei alguns de meus vaqueiros.

Os dois responderam negativamente, ao mesmo tempo. Ela os olhou interrogativamente.

— Não? Por quê?

— Preferimos ir sozinhos. Vamos ter maior mobilidade. Agora vamos nos preparar - respondeu Burley.

* * *

Já caía a tarde quando os três chegaram à estrada de ferro. O vento do deserto varria os campos.

— A esta altura Reagan já sabe do que aconteceu na cidade - disse Burley - e já terá se preparado. Já deve saber que nós o procuramos e não se deixará pegar desprevenido... Isso se já não tiver fugido.

— Não acredito - respondeu French. - Se o ouro existe, o que acredito que sim, Reagan vai lutar por ele, a não ser que seja um perfeito covarde.

Cruzaram a estação em completo silêncio. Somente uma luz brilhava na cantina.

— Vamos entrar? - perguntou ela.

— Para quê? Bem. . . Talvez tenha razão. Se lá dentro houver algum homem de Reagan, talvez tenhamos notícias.

Burley fez uma pausa.

French empurrou a porta da cantina, que estava vazia. Ouvindo o ruído da porta o mexicano saiu lá de dentro.

— Às ordens, cavalheiros e senhora?

— Está sozinho?

— Eu e minha família.

— Ninguém mais?

— Não, senhor.

— Não diga a ninguém, no caso de aparecer alguém, que estivemos aqui, entendido?

— Sim, senhor.

Saíram da cantina.

— A partir deste momento - murmurou Burley - teremos de cavalgar fazendo o mínimo ruído possível.

— E com as armas preparadas. - acrescentou French.

A jovem sacou o revólver.

— Pela última vez - disse Burley. - Annelee, eu lhe peço...

— Agora não é hora de pedir nada. Por minha vontade, tê-la-íamos amarrado no pé da mesa, no rancho - completou French.

A jovem riu. Cavalgava muito perto de Burley, e French estava certo de que as mãos dos dois se tocavam, o que não lhe agradava.

Cruzaram a extensa pradaria. Os cavalos, guiados com cuidado, quase não faziam barulho.

— Esperem _ pediu French.

Saltou do cavalo, agachou-se e encostou o ouvido no chão. Depois se levantou.

— Há alguém cavalgando a menos de trezentos metros. Vou fazer um reconhecimento.

— Eu também vou - acrescentou Burley.

— Não. Desmontem e me esperem aqui.

French começou a caminhar, agachado.

Tinha um senso inato de orientação. Depois de caminhar cinco minutos estendeu-se no chão e voltou a escutar os rumores que se transmitiam através da terra.

Quem quer que fosse estava muito perto.

Sacou o revólver e continuou andando, até que o viu. Era um homem. Não havia Lua, mas podia vê-lo sob a luz das estrelas.

Estava a menos de cinquenta metros e estava indo na direção dele.

French deitou no chão e esperou. Não se passaram dois minutos quando o viu de novo. Estava muito perto. French preparou os músculos.

O cavalo do homem que se aproximava relinchou. O cavaleiro se deteve, e French mandou para o inferno todas as precauções. Ergueu-se e se arrojou contra ele.

O homem viu-o, porém já era tarde.

French intimou-o a levantar as mãos e jogar fora a arma. Não queria atirar, porque não tencionava fazer barulho e não sabia se ele era inimigo ou não.

Agarrou-o pela gola e o derrubou no chão, dando-lhe um soco na cara para mostrar que não estava brincando.

Sem perder tempo, colocou o homem sobre o cavalo e, segurando o animal pelas rédeas, empreendeu o caminho de volta. Ao chegar próximo ao lugar onde deixara os amigos, assoviou suavemente.

— Aqui - respondeu Burley. Encontraram-se os três.

— Trago um troféu.

— Morto?

— Não! Só desmaiado.

Pegou o homem e deitou-o no chão.

— Vamos esperar que acorde.

Não esperaram muito. Ao voltar a si, o homem tentou erguer-se.

— Quietos, rapaz. Não se mova se não quiser apanhar. Você é um dos homens de Reagan? - perguntou French.

— Sim - respondeu o outro.

— O que estava fazendo ali, no meio da noite? Procurando gado?

— Não. Estava vigiando.

— Quem?

— Não sei. Minha tarefa é vigiar.

— Quem o mandou? Reagan? - O homem não respondeu.

— Você já sabe o que aconteceu com alguns sujeitos hoje, pela manhã, na cidade? - continuou French.

Não obteve resposta.

— Pois o mesmo vai acontecer com você, se não começar a falar imediatamente. Só que antes de matá-lo - Burley acendeu um fósforo - ouvi dizer que um fósforo aceso entre as unhas faz soltar a língua com a rapidez de um raio.

O fósforo iluminou o rosto de todos. O homem tinha os olhos muito abertos. Estava aterrado.

— Esperem, eu falo.

— Reagan está no rancho? . perguntou Burley .

— Não. Saiu com sete homens.

— Para onde?

— Não me disseram. Eu e mais dois tivemos ordens de patrulhar as cercanias do rancho. E é o que eu estava fazendo.

— Onde estão os outros dois?

— Por perto.

— Você vai nos levar até eles e, quando chegarmos perto, você dirá que está sozinho. O resto deixe por nossa conta. Entendido?

— Sim.

Burley amarrou as mãos do vaqueiro e montou no cavalo.

Puseram-se a caminho. French aproximou-se de Burley.

— Creio que ele disse a verdade, mas tenha cuidado.

Chegaram ao rancho em menos tempo que pensavam.

— Onde estão os outros? - perguntou Burley.

— Deveriam estar por aqui. Não entendo.

French segurou o revólver e o encostou no ouvido do vaqueiro.

— Se você mentiu vai se arrepender, pois não pretendo ter pena, rapaz.

— Não menti. Talvez estejam do outro lado...

O rancho estava às escuras. Saltaram e French obrigou o homem a guiá-los até a entrada.

Burley empurrou a porta, mas esta estava trancada.

— Bem, fiquem aqui e, se ouvirem barulho, disparem, sem pensar muito.

Deu a volta na casa e encontrou uma janela. Com a coronha do rifle quebrou a vidraça. Esperou um momento e saltou para dentro.

Nada. Parecia estar na sala onde Reagan os recebera da outra vez. Caminhou até a porta e abriu-a.

Os outros entraram.

— Estamos aqui dentro e parece que não há ninguém - anunciou French. - Annelee, puxe as cortinas.

A jovem obedeceu. Só então Burley atreveu-se a acender um fósforo e um candeeiro.

Burley colocou-se junto a uma das portas e empurrou-a. Nada.

French, com o candeeiro na mão, disse que ia até o dormitório dos vaqueiros.

— Tome cuidado _ pediu Burley.

— Se eles estiverem aqui, já nos ouviram. Agora já não importa fazer barulho.

Enquanto French saía, Burley postou-se de vigia, com o rifle pronto para disparar.

O dormitório dos vaqueiros estava vazio. French regressou.

— Sabe o que estou pensando? Seria um bom sinal de alarme, queimar o dormitório e a estrebaria. Seria visto de longe. Não acham?

Dirigiu-se, então, ao prisioneiro.

— Onde está Reagan?

— Não sei, já disse. E não estou mentindo, acredite.

Segurou o homem e jogou-o no quarto que parecia ser o de Reagan.

— Fique aí, bem quietinho.

Voltou para junto dos outros, olhou-os com atenção e inquiriu:

— Bem, coronel. O que faremos?

CAPÍTULO 8

— Esperar.

— No máximo - acrescentou French - até de manhã. Não penso esperar mais que isso. Quero saber o que está fazendo aquele homem e para onde foi. Além do mais, estamos metidos numa enrascada, ficando aqui.

— Enrascada? - estranhou Burley.

— Vamos, você não é coronel? Encontre a resposta para esta pergunta.

Burley entrecerrou os olhos. O tom de French tinha sido duro.

— Você quer dizer que abandonaram a posição para voltar depois, quando o inimigo estiver nela?

— Exatamente. E nós somos o inimigo.

Burley virou-se para a jovem.

— Prepare-se. Vamos sair daqui. Não estou gostando disto.

— Espere um pouco - disse ela. - Voltar aqui, para nos apanhar nesta armadilha? E' o que estão querendo dizer?

— Sim.

— Existe outra alternativa - aventurou French, pensativo. - A de que Reagan tenha ido embora definitivamente.

— Deixando três homens de vigia? Para quê?

— Não encontramos mais do que um, Jonathan. Reagan pode ter ido pegar o ouro antes de ir embora.

— Ouro demora muito para ser recolhido.

— Mas ele pode registrar as jazidas, se sabe onde elas estão. As terras do Governo não podem ser roubadas, mas há uma maneira de tomar posse delas... Registrando jazidas de metais preciosos. E, neste caso, eu ficaria sem o ouro.

Annelee avançou dois passos até ele. — Você só pensa no ouro, Common.

— Eu preciso dele.

A moça virou-se para Burley.

— Ele tem razão, Jonathan. Deixemo-lo ir. Jonathan olhava French fixamente. O rosto dele tinha um ar excessivamente sério.

— Nunca pensei que você fosse capaz disso.

— E' a vida, rapaz. Se eu não cuidar de mim, quem vai cuidar?

— Muito bem, faça o que quiser.

A voz do ex-coronel continuou soando num tom de censura.

— Pensei que você fosse nosso amigo. O que vai fazer?

— Sair daqui e seguir aqueles sujeitos.

— Mesmo sem saber onde estão? - perguntou Annelee.

— Eu vou encontrá-los. Sete ou oito homens deixam rastros bem marcados.

Annelee caminhou até ele, pondo a mão no braço dele.

— Boa sorte, Common.

— Obrigado.

French virou-lhe as costas. O rosto permaneceu impassível.

French caminhou até a porta e, ao segurar o trinco, um tiro partiu o restante da vidraça da janela e penetrou na sala. A bala alojou-se na parede.

Common afastou-se da porta. A madeira estilhaçou sob o impacto de outro tiro que, entretanto, não chegou a atravessá-la.

Os dois disparos soaram quase simultaneamente.

— Para o chão!

Burley empurrou a jovem. Os corpos de ambos permaneceram estendidos no solo.

French dirigiu-se, com passadas largas, ao lampião de querosene. Quando os dedos já o tocavam, ficou quieto.

— Vou apagá-lo. Não se movam, mas se alguém se aproximar da porta, atirem com vontade. A armadilha já se fechou sobre nós.

— Não apague - ordenou Burley. - Não podem nos ver com as cortinas fechadas.

— Você não pretende que fiquemos quietos, esperando que nos matem aqui dentro. Temos de responder ao fogo.

Apagou o lampião e esperou um pouco. Depois, arrastando-se, French aproximou-se da janela e abriu ligeiramente a cortina.

Esperou. Os olhos pareciam ver algo se mover perto da cerca.

Sacou lentamente o revólver e apontou cuidadosamente.

Sim. Algo se movia, ainda que só o pudesse ver imprecisamente.

Quando teve certeza de que o tinha na linha de mira, disparou. A resposta que obteve foi um gemido.

— Acertei-o - disse French, exultante.

Neste momento, de três ou quatro pontos, simultaneamente, estouraram rajadas de balas.

French só teve tempo de abaixar a cabeça. Os balaços penetraram pela janela indo se alojar na parede da sala.

— Como tínhamos pensado - disse Burley.
- Eles voltaram e estamos atolados até o pescoço.

— Um atoleiro de onde temos de sair - respondeu French.

Pôs-se de pé, fora da linha de tiro e ajustou o cinturão.

— O que está pensando fazer? - perguntou Jonathan.

— Sair e arrastar uns quatro comigo. Vocês poderão se defender dos demais...

— Não - protestou Annelee, ofegante. - E' uma loucura, é suicídio.

— Nem tanto. Não sou aleijado e corro bem. Não me pegarão tão facilmente. Além disso, deve haver outra saída para isto.

Dirigiu-se ao quarto de Reagan e agarrou o prisioneiro.

— Aqui tem outra saída? - perguntou-lhe French.

— Não, não tem. Só a principal.

French atirou-o contra a parede e percorreu a casa. Havia somente as janelas. Fechou-as bem, passando as trancas. Pelo menos por ali não poderiam entrar.

— Vocês terão de se preocupar somente com estas duas janelas _ disse French. - Um em cada uma poderão resistir até que...

— Não - gritou Burley.

— Que está querendo dizer?

— Ordeno-lhe que não saia. Eu não vou permitir, Common.

O coronel levantou-se. Era apenas uma figura confusa na escuridão. Common pôs a mão no ombro do companheiro.

— Escute, camarada, tenho de sair. Eles podem nos manter aqui o tempo que quiserem. Basta situarem-se a uma distância onde não possamos alcançá-los com nossos tiros. Você não entende, cabeça-dura de confederado?

— A única coisa que entendo é que não vou deixar ninguém sair daqui - respondeu-lhe Burley. - Essa gente não pretende matar-nos aqui. Causaria muitos problemas. O que decerto estão fazendo é nos entreter com algum passatempo.

— Um discurso muito bonito, mas por que não iriam querer nos matar? Estão desesperados. Estão jogando a última cartada. Não sei por que, mas estão.

—Common.

Foi a jovem quem falou. A voz foi abafada por uma nova descarga, que se abateu sobre a janela e a porta.

— Pois, se estão desesperados, farão qualquer negócio, Common.

— O que você quer dizer com isso, Annelee?

— Exatamente o que eu disse, Jonathan. Não acredito que Reagan recue agora. Pelo contrário, vai querer acabar com todas as testemunhas. Ele já sabe que estamos atrás do ouro.

— Faremos uma coisa - sugeri Common French. - Vamos esperar um pouco, mas não muito. Depois alguém tem de ir avisar seus vaqueiros para que nos deem uma mão...

Deteve-se. A janela estava iluminada por uma cor avermelhada.

— Estão vendo? Era o que eu queria dizer. Bandidos!

Arrastando-se pelo chão, Burley aproximou-se da janela e olhou para fora.

— Acenderam uma tocha. Não devem pretender queimar a casa.

— E' o que você pensa - respondeu French.

— Vou sair e impedi-los. Coronel, dê-me cobertura.

-- Não, espere...

— Não vou sair pela porta. Não se preocupe. Vou sair por uma das janelas do

fundo. - fez uma pausa. O ambiente estava tenso entre os três. - Espero que não tenham posto muitos homens perto dela.

Algo moveu-se ao lado dele.

— Compreendo - disse Burley. - De qualquer maneira teríamos de chegar a um acordo com eles. Não posso permitir que Annelee corra qualquer perigo.

— Agora você se lembra disso, Dom Quixote?

— Você não me entendeu. Eu é que vou sair.

— Não.

O movimento ao lado dele repetiu-se. A suave mão da jovem pousou no rosto de French. Foi um contato leve, quase uma carícia, que, estranhamente, recordou-lhe as palavras dela: «Cuide de Jonathan».

Pegou a mão da moça e estreitou-a.

— Confie em mim, companheira - disse, numa voz tão baixa que só ele e Annelee poderiam escutar.

Em seguida se virou para o ex-coronel sulista.

— Venha até aqui, Jonathan.

Ouviu os passos do companheiro se aproximarem.

— Dê-me a mão - pediu French.

Por um impulso quase inconsciente, French abaixou-se. O ar sibilou junto ao ouvido sob o impulso do punho do sulista.

— Traidor - resmungou, rindo.

E agora foi a vez de French dar o golpe. Não errou. O punho foi arremessado contra o rosto de Burley.

O sulista caiu no chão.

— Tinha de fazê-lo - disse French, dirigindo-se a Annelee. - Ele tentou antes contra mim.

— Só espero - respondeu ela - que não o tenha machucado muito.

— Só o suficiente. Quando recobrar os sentidos vai sentir só um pouco de dor. Adeus, Annelee.

Uns lábios buscaram os seus.

— Adeus, companheiro e obrigada.

— Não há de quê. Estão se aproximando.

A luz da tocha estava mais perto.

— Dispare com vontade. E' sua vida que está em jogo.

Dizendo isto, French aproximou-se de uma das janelas do fundo, destrancou-a e abriu-a.

Ninguém. Nenhum ruído. Mas podiam estar ali fora.

Pulou para o lado de fora. Imediatamente estirou-se no chão.

Nesse momento, uma bala passou sobre a cabeça dele, indo encravar-se na parede da casa.

No entanto ele pôde ver de onde partira o tiro.

Enquanto disparava, ouvia o estrondo de tiros dentro da casa. Estavam cobrindo-o, pelo menos a moça estava.

Rolou no chão e disparou mais uma vez. Tinha de economizar balas. Não sabia quantos estavam ali fora.

Durante alguns instantes, nada aconteceu.

Logo French viu um rastro luminoso cruzando a escuridão em direção à casa.

Lançaram uma tocha acesa contra a casa. Mas sendo a construção de tijolos só ateariam fogo se as tochas entrassem pelas

janelas. O perigo era relativamente pequeno.

Pôs-se de pé. Como um vendaval caminhou uns cinco passos em direção ao inimigo e lançou-se por terra.

Um balaço quase o alcançou. Na verdade, atingiu-lhe o salto da bota, partindo-o.

Mas viu perfeitamente de onde partira o tiro. O atirador estava deitado no chão.

Não pensou mais. Caiu sobre ele como um fardo.

Não queria matá-lo logo. Ele precisava viver para falar.

Imobilizou-o contra o solo. O homem arquejou e um gemido escapou-lhe da boca.

Não tinha tempo a perder, pois uma das tochas atiradas poderia entrar pela janela e incendiar a casa.

— Fique quieto ou eu o mato.

O homem permaneceu em silêncio durante alguns instantes.

— Quantos estão aqui? - perguntou French.

O prisioneiro deu-lhe uma joelhada. French lançou uma maldição e golpeou-lhe

o rosto com força até o homem perder os sentidos.

A seguir, Common ergueu-se e viu um sujeito avançando com um archote aceso. Disparou contra ele. O incendiário caiu, e French esperou um pouco para ver se aparecia outro.

Pouco a pouco, os tiros que partiam da casa foram escasseando até cessarem por completo.

Pegou o homem sem sentidos e jogou-o sobre os ombros. A seguir gritou:

— Burley, não dispare. Sou eu.

Caminhou até a casa. O homem pesava, mas estava conseguindo carregá-lo com relativa facilidade.

Quando estava perto da casa, deteve-se.

— Jonathan! Você me ouviu?

— Sim, seu louco! Venha. Já abrimos a porta.

French esperava que não houvesse outro bandido por perto, caso contrário ele seria apanhado como um coelho.

Mas conseguiu chegar até a casa sem nenhum contratempo. Uma luz brilhava na sala.

— Feche a porta - ordenou enquanto entrava. - Não creio que haja perigo agora, mas nunca se sabe.

Deixou o homem cair ao solo.

— Espero não ter batido nele com muita força. Ele ainda tem de falar.

— Tinha mais? - perguntou Burley.

— Creio que não. Eram somente dois, mas armaram um barulho dos diabos.

— Você está bem? - perguntou Annelee.

— Estou.

French inclinou-se sobre o homem e deu-lhe umas bofetadas no rosto.

O homem abriu os olhos e ficou assombrado.

— Estavam querendo queimar o rancho, não?— perguntou French. - Quem os mandou?

— O Senhor Reagan.

— Por quê?

— O Senhor Reagan nunca dá explicações. Tínhamos ordens de pegá-los aqui.

— Onde está Reagan?

— Não sei.

— Fale ou não pode imaginar o que vai lhe acontecer.

— Ele foi embora.

— Definitivamente?

— Não disse.

— Quantos homens ele levou?

— Não sei... Talvez seis ou sete.

— Foi para as montanhas?

O homem confirmou com a cabeça. French amarrou-o e deixou-o no quarto, junto ao outro.

— Vamos sair quando amanhecer, não é, coronel?

Burley assentiu.

Os dois acenderam um cigarro e fumaram em silêncio.

— Reagan abandonou o rancho - disse Burley, por fim. - Isto quer dizer que tem coisa melhor esperando-o, e essa coisa não pode ser outra senão o ouro. Ele sabe onde

estão as principais jazidas. Provavelmente pretende provocar pânico e, depois de provocá-lo, levará a melhor fatia.

— Eu concordo, mas agora sabemos para onde está indo. Nós vamos procurá-lo e quando o encontrarmos....

Burley interrompeu-o.

— Quando o encontrarmos - virou-se para Annelee - nós o faremos confessar se foi ele quem matou Slatterville, certo?

Ela concordou em silêncio.

— E se encontrarmos o ouro, será de Common. Concorda?

— Sim - respondeu a jovem.

— E vocês? _ perguntou French.

— Nós... Temos coisa melhor que ouro. Pelo menos... Espero que Annelee concorde comigo. Nós temos... Nós mesmos. Temos um ao outro.

Burley parecia ter dificuldade para dizer a frase. O silêncio reinou na sala.

— Você também não acha, Annelee? - perguntou o coronel.

— Sim.

Fora um sim quase inaudível.

— Aconteceu alguma coisa?

— Deixe-a - ordenou French, em voz baixa. - Ela já disse que sim.

— O que você quer dizer?

— Que ela já concordou.

Burley apanhou o lampião e iluminou os restos dos dois.

— Há algo que... Common, por acaso você...?

— Deixe-me em paz, companheiro. Quero dormir um pouco. Amanhã teremos uma longa cavalgada.

— Então era isso... E eu pensando que você, Annelee, me... Que você me amava.

— E' claro que o amo, seu tolo. Mas este não é o momento certo para revelar.

— Será que vocês não podem calar a boca— reclamou French. - Preciso dormir. Apaguem essa luz.

A luz se apagou e ele estendeu-se no chão, mas não dormiu. O amanhecer surpreendeu os três acordados.

CAPÍTULO 9

As elevações perfilavam-se sobre a planície coberta de cactos. Tinham seguido o leito seco do riacho.

— Olhe - apontou French. Era um lenço vermelho.

— Passaram por aqui. Vejam a lama remexida. Cruzaram o riacho aqui.

— Sim - concordou Burley. - Estão em algum lugar à nossa frente.

Tinham cavalgado durante todo o dia e parte da noite.

— Vamos, não há tempo a perder.

— Um momento. Não seria melhor Annelee ficar aqui?

— E nos expormos a sermos vistos por eles, enquanto saímos? - respondeu French. - Esse Reagan não é idiota, companheiro. Pode ter deixado homens no caminho, a fim de retardar nossa busca. Eu acho melhor ela ir conosco.

— De qualquer maneira - disse a moça - eu não estava pensando em deixá-los. Portanto, não há mais o que falar.

Continuaram caminho. O terreno ia se elevando à medida que se aproximavam das colinas.

— Um momento - disse Burley, olhando para cima. — Vi alguma coisa brilhar lá no alto.

— Pode ser o reflexo do sol em alguma rocha.

— Não, o que eu vi se mexeu.

— Fiquem quietos - mandou French. - Vou subir e investigar. Fiquem atrás dessas pedras. Eles poderiam surpreendê-los aqui.

Esporeou o cavalo e começou a subida. O terreno ficava cada vez-mais rochoso. Teria de continuar a pé se não encontrasse um caminho melhor. Mas encontrou, bem à frente, um leito seco de rio.

Desmontou e, levando o cavalo pelas rédeas, tomou aquele caminho. Ia montar novamente quando um tiro surpreendeu-o, partido de algum lugar à frente dele.

A bala arrancou-lhe o chapéu da cabeça. Abaixou-se rapidamente e sacou o revólver. Ainda podia ver a nuvem de fumaça de onde partira o tiro.

Novo disparo. Viu o brilho de um fuzil e desviou a tempo. Levantou o revólver e atirou apenas uma vez.

Imediatamente deu um salto e se afastou do lugar. Tinha certeza de que acertara, mas não estaria seguro se houvesse mais alguém por ali. Obteve provas imediatamente. Dois disparos. Duas balas que lhe raspam os ouvidos. Um terceiro atingiu o cavalo que começou a correr ladeira abaixo. Devia estar quase cego, pois despencou lá de cima.

French apertou os lábios. Alguém tinha de pagar por aquilo. Permaneceu quieto onde estava, pronto para atirar. Não teve de esperar muito.

Viu um objeto se mover mais acima. Levantou o cano da arma, mirou e disparou.

Um gemido alucinante, em seguida um corpo rolou pela ladeira. Acertara, novamente.

Nesse momento, ouviu a voz de Burley:

— Common! Common! Você está bem?

— Sim! Cuide da sua cabeça! Ainda tem gente aqui em cima.

Burley subia rapidamente. French começou a protegê-lo disparando o revólver em direção ao lugar onde supunha haver alguém escondido. As balas silvavam ao bater nas rochas.

Burley aproximou-se de French, ofegando ligeiramente.

— Q que aconteceu?

— Estavam de emboscada, e Annelee?

— Mais embaixo com os cavalos.

— Muito bem, companheiro. Aí em cima restam dois ou três homens. Vamos a eles?

— Vamos.

— Cubra-me.

French deu um salto e correu alguns metros acima. Atirou-se ao solo. Nada aconteceu.

Burley não atirara. Esperava ver alguma coisa para aproveitar melhor o tiro.

French levantou a cabeça e perscrutou o ambiente. Tinha certeza de que restava mais alguém por ali.

Teve a confirmação quase ao mesmo tempo. Uma pedrinha passou rolando perto dele. Alguém se mexia mais acima.

Burley disparou naquela direção. Um gemido rouco e mais um corpo rolou, contorcendo-se, pela ribanceira.

— Vamos, Jonathan! Pode subir - gritou French.

Burley apareceu em seguida. Os dois ouviram sons indicativos de que alguém subia até eles.

— Não pode ser - disse Burley. . Não acredito que ela me desobedeceu.

Annelee apareceu atrás de uma pedra.

— Vocês estão bem?

— Claro que sim. Mas eu não lhe disse para...

— Ora, deixe-a. Agora temos de fazer com que nada lhe aconteça.

French fez uma pausa.

— Eu vou na frente. Você, companheiro, proteja a moça, pois já que estamos os três aqui, prossigamos juntos.

A subida era mais fácil, mas iam com cuidado, pois sabiam que atrás de cada árvore poderia estar um rifle à espreita.

— Annelee - indagou French - você se lembra se há outra saída aqui?

— Não, não me lembro.

— Neste caso eles estão por aqui, em qualquer lugar. Não vão escapar. Vamos, prossigamos.

As palavras dele foram abafadas por um tiro. Levou a mão ao braço esquerdo, enquanto os outros se jogavam ao chão.

— Eles o feriram, French? - inquiriu Annelee, chegando perto dele.

— Não é nada. Burley, apenas vigie.

Mas Burley já estava disparando como um louco. As balas varreram toda a região. Só parou quando o tambor do revólver ficou vazio.

Voltou a carregá-lo, enquanto a jovem levantava a manga da camisa de French.

— Não me atingiram o braço como queriam— disse French. - Foi só um raspão. Você acertou-os, coronel?

— Não sei. Vou ver.

— Não se movam!

O grito partira de cima. Os três olharam naquela direção e viram Reagan, em cima de uma pedra, com um rifle na mão. Atrás dele estava um homem com um saco em cada mão.

— Annelee, afaste-se - gritou Reagan.

— Não - respondeu a moça.

— Você, jogue fora a arma. Do contrário, atirarei nela.

Burley deixou cair lentamente o revólver.

— Desarme-os - ordenou Reagan ao companheiro.

O homem soltou os sacos, caminhou até os três, apanhou os revólveres e os jogou nas rochas.

French olhava atenciosamente. Estava calculando as possibilidades de apanhá-lo por um braço, mas o outro teve muito cuidado de não se colocar ao alcance dele.

Quando acabou, retornou ao lugar de antes, enquanto Reagan descia.

— Afaste-se, Annelee.

— O que você está pensando fazer? Assassinar-nos? - perguntou Burley.

— Sim. Traga os cavalos - dirigindo-se ao capanga.

O homem desapareceu e voltou puxando os cavalos pelas rédeas.

— Diga a Annelee que me obedeça e se afaste. Não quero ser obrigado a meter-lhe uma bala na cabeça.

— Suponho que você está levando ouro nesses sacos - denunciou French.

— Acertou, rapaz. Mas isso não é da sua conta.

— Annelle, afaste-se. Eu não quero que lhe aconteça nada - pediu Burley.

— Vamos, mate-os logo. Não quero ficar aqui o dia inteiro - apressou o capanga de Reagan.

— Cale-se - ordenou Reagan, levantando a arma.

Annelee soltou um grito, mas a bala não era destinada a Burley, e sim ao capanga. O homem girou e caiu.

— Menos testemunhas? - perguntou French.

— Sim. E agora vocês. Primeiro vocês dois e depois Annelee. Se você não tivesse recusado minhas propostas, agora eu não seria obrigado a matá-la.

— Miserável - praguejou Burley, dando um passo na direção do outro.

Reagan apontou-lhe o rifle. French aproveitou a ocasião para pegar uma pedra e jogar-lhe no rosto.

Reagan perdeu o equilíbrio sob o impacto da pedrada. Burley precipitou-se sobre ele como um bólido.

Os dois homens rolaram pelo chão, mas o ex-coronel levava vantagem. Colocou-se sobre Reagan e passou a bater nele.

— Não o mate - impediu French. — Ele tem de dizer-nos uma coisa antes.

Burley pôs-se de pé, com o revólver de Reagan na mão.

— Levante-se.

Reagem levantou-se. Estava com o rosto ensanguentado. Os olhos brilhavam de pavor.

Annelee caminhou até ele lentamente.

— Você matou Jim?

— Responda - ordenou French. - Senão, eu o farei responder.

— Sim... Nós brigamos.

— Mentira! Ele tinha uma bala nas costas. - O homem não retrucou. A jovem afastou-se, com as mãos no rosto.

— Vamos - disse French. - Levemo-lo ao xerife. Não quero manchar minhas mãos.

Sobre a mesa do rancho brilhava o ouro. Somente os três contemplavam aquele minério brilhante sob a luz do lampião.

Annelee olhou os dois e propôs:

— Vamos reparti-lo entre nós.

— Eu não quero uma só onça dele - respondeu Burley. _ Já tinha dito que possuía coisa melhor - passou o braço sobre o ombro da moça.

— Common - disse ela, afastando-se da mesa - você não pode ficar aqui?

— Aqui? - French sacudiu a cabeça negativamente. - Não.

Apanhou o ouro na mão e o deixou escorrer pelos dedos.

Burley olhou para ambos. Começou a guardar o ouro nos sacos.

— Reagan foi enforcado. Só nós três sabemos que neste lugar há ouro. Não diremos a ninguém.

Amarrou os sacos e dirigiu-se à porta.

— Vou lhes dar tempo para se despedirem — disse, sorrindo. - Eu sinto muito, companheiro.

— Alguém tinha de perder — respondeu French.

Quando a porta se fechou atrás de Burley, dirigiu-se à moça.

— Espero que vocês sejam muito felizes, Annelee. Ele é um sujeito extraordinário.

— Vocês dois são homens extraordinários, Common.

— E' possível, mas eu sou um vagabundo, e ele, um cavalheiro. E agora, Annelee, preciso ir.

Ela se aproximou e pôs os braços em torno do pescoço de French. Os lábios quase tocavam os dele.

— Adeus, Common. Gostaria de ter uma irmã gêmea. Seria sua esposa.

— Mas não seria você, Annelee.

— Volte aqui algum dia. - Ela o beijou.

French afastou-se.

— Reserve seus beijos para ele. Eu já tenho o que queria.

— Você só pensa no ouro!

— Claro que sim. Tivemos os três uma boa aventura. Isto ficará como recordação.

Ele dirigiu-se à porta.

— Adeus, mais uma vez.

— Adeus.

Saiu sem olhá-la. Do lado de fora contemplou os sacos de ouro com um olhar de ódio.

F I M.